

CLAUDIA

Abril
75



Claudia Ohana

“É importante que as
mulheres na minha idade
façam que têm desejo,
que podem tudo.
Envelhecer é incrível”

PARA ESQUENTAR

Um cardápio
aconchegante com
vinhos naturais

NOVO LIVRO

Vera Iaconelli
analisa a sua
própria história

ines249



vivo.com.br/total

Para mais informações, consulte vivo.com.br ou o SAC: 103 15. Pessoas com necessidades especiais de fala/audição, acesso pelo 142.

ines249

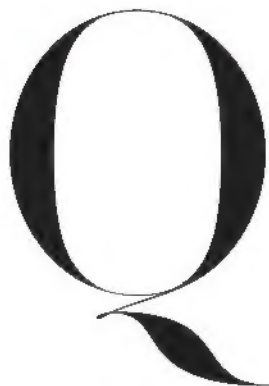
vivo

* Total

Pós + Fibra + Seus apps favoritos



De longe, a melhor internet
para curtir as férias maratonando



Qual é o seu maior desejo? Tudo bem, não precisa ser um só, valem quantos o seu coração quiser, desde que sejam desejos verdadeiros. Você saberia o que pedir? Recentemente, uma grande amiga me contou de uma atividade que ela conduziu junto a um grupo de jovens, todas ali no comecinho da adolescência, quando queremos tudo e tudo para ontem, lembra? A proposta era fazer um mapa dos sonhos. Respirar fundo, se conectar com o que mobiliza o coração, e registrar por escrito. Em pouco tempo, as meninas tinham uma lista de dez, quinze, vinte, trinta e um sonhos! Ouvi essa história encantada, mas também com uma inquietação: quando foi que aprendemos a temer dizer em voz alta uma vontade sequer?

Sonhamos com a capa deste mês, com a Claudia Ohana, ainda no mês de março, na Casa Clã. Encantadas por sua força e posicionamento contra o etarismo, convidamos a consagrada atriz para uma sessão de fotos paradisíaca, ao lado do mar, no Cliffside Boutique Hotel, no Rio de Janeiro. Literalmente sem parar entre uma foto e outra, haja energia, ela arrebatou toda a equipe. “Quero mostrar que eu posso e quero que as pessoas se surpreendam comigo porque quero ser extraordinária”, ela contou na entrevista para a repórter Lorraine Moreira (leia na página 40). “É importante que as mulheres na minha idade falem que têm desejo, que podem tudo.”

Se nomear um grande desejo seguir difícil por aí (como está aqui pra mim, eu confesso), temos a psicanálise e a gigante Vera Iaconelli para colocar mais lenha nessa fogueira. Numa entrevista reveladora para Luisa Destri (página 54), Vera expõe nossas contradições inescapáveis. “Somos movidos por desejos que não fazem muito sentido, mas os desejos nos movem. São esses paradoxos que a psicanálise aponta: há ilusões que a gente tem que saber que são ilusões, mas das quais a gente não pode prescindir.” Os desafios são humanos, mas o recorte de gênero está presente, nos lembrando do sentido feminino na nossa sociedade hoje. “Quan-

do uma mulher consegue marcar seu desejo em primeiro lugar, e deixar um pouco de lado o marido, os filhos, as expectativas sociais, ela abre um espaço de imaginação”, continuou a psicanalista.

Alimentada por esta edição de CLAUDIA, minha imaginação começa a criar agora outra lista. Não exatamente de desejos, mas de emoções. São tantas. Penso na surpresa de receber uma notícia ainda melhor que a prevista, no orgulho das mini conquistas que não impressionam ninguém (mas a gente sabe o quanto significam!), na alegria de caminhar com leveza em meio ao caos porque dá para confiar em algo maior, no amor que existe e reverte a ordem do dar e receber.

Para o próximo mês, já escolhi a minha leitura emocionante. Será *Batida Só*, novo romance de Giovana Madalosso, no qual a fé (no divino, na medicina, uns nos outros) se torna a força motriz dos três protagonistas (página 24). São eles: Maria João, uma jornalista com um problema cardíaco que está proibida de se emocionar (!), Nico, de 11 anos, que está doente, e sua mãe, Sara, empenhada na cura do pequeno. A autora nos pergunta: “Quando você tira as emoções, o que sobra? Você tira a vida da vida”.

Se é na urgência que talvez seja mais possível descobrir nossas verdadeiras vontades, eu desejo que esse segundo semestre de 2025 seja repleto de vida, de sonhos, de emoções e de um pouco de paz, que a gente merece!



Helena Galante

DIRETORA DE NÚCLEO
hgalante@abril.com.br
@helenagalante

APRESENTADO POR

Roche

ines249

Quem cuida também precisa de cuidado

Distantes dos centros de saúde especializados, cuidadoras lidam com jornadas exaustivas e revelam as falhas de um sistema que ignora suas necessidades

UM TRABALHO INVISÍVEL

A Pesquisa Nacional dos Cuidadores de Pacientes Raros no Brasil, estudo encomendado pela Casa Hunter, com apoio da Federação Brasileira das Associações de Doenças Raras (Febrararas) revelou que:

81%

das pessoas que cuidam de pacientes com doenças raras no Brasil são mulheres. Dessas:



78%

fazem esse acompanhamento 24 horas por dia



47%

têm renda familiar de até dois salários mínimos



46%

deixaram o emprego para cuidar do familiar



65%

não se sentem reconhecidas pelo trabalho como cuidadoras



Acompanhe no Instagram @rochebrasil

O ato de cuidar de alguém não é uma tarefa fácil. O dia a dia de quem se dedica a essa função – na grande maioria, mulheres – é permeado por desafios físicos, sociais, financeiros e emocionais.

Se ver o outro sentindo dores e buscar meios para reduzir os desconfortos já traz sofrimentos à cuidadora, seja ela mãe, esposa, filha ou irmã, essa atividade – essencial, porém dificilmente valorizada – se torna ainda mais árdua diante dos obstáculos relacionados ao acesso à saúde, principalmente quando se trata de uma doença rara.

DISTÂNCIA DOS GRANDES CENTROS

A dificuldade de acesso a atendimento especializado impacta a vida de milhões de brasileiras, a exemplo de Juliane Godoi, mãe de André, de 8 anos, portador de atrofia muscular espinal (AME).

Moradora da cidade de Rio das Ostras (RJ), ela diz que, apesar de seu filho contar com home care, quando necessita de uma consulta com o especialista, é preciso deslocá-lo até a capital. “Como não temos um

centro de referência na região, precisamos viajar de ambulância até o Rio de Janeiro. André usa ventilação mecânica e uma série de outros equipamentos, é um traslado complexo e arriscado.”

A distância de um centro especializado também é um grande desafio para

Emília Maria de Brito, mãe de três crianças, de 14, 11 e 4 anos, todas com hemofilia. Agricultora, ela vive na cidade de Boqueirão, localizada no Sertão do Cariri, a 55 quilômetros de Campina Grande (PB), onde está o hemocentro mais próximo. “Eu morava na roça, na casa da minha mãe, trabalhava na plantação. Mas, por causa do tratamento das crianças, mudei de cidade. Agora não consigo mais trabalhar e pago aluguel.”

Casos como o de Juliane e de Emília ilustram a necessidade de repensar a forma como o cuidado em saúde é oferecido no país. Levar atendimento especializado para além dos grandes centros urbanos é mais do que uma demanda: é uma urgência. Ao encurtar distâncias e tornar a jornada de cuidado menos exaustiva, mães e cuidadoras ganham não apenas tempo, mas também fôlego para olhar para si. Porque, no fim das contas, quem cuida também precisa – e merece – ser cuidado.

CLAUDIA

JULHO

ARTSY

10 INS-PIRA

Uma seleção animada, de roda de pagode a aula de surfe, para esquentar o mês!

20 AMOR OCEÂNICO

Do afeto à ancestralidade, Luedji Luna traduz seu íntimo em dois álbuns poderosos

24 VIVER PARA CRER

Giovana Madalosso compartilha sua relação complicada com a fé em novo romance

26 POR TRÁS DA MODA

As coleções Cruise 2026 reafirmam: moda é viagem, tempo, lugar e história

AMOR & SEXO

30 MINISTRA DO NAMORO

Do quase-amor ao luto simbólico, Marchela ensina como enterrar um ex e seguir em paz

32 DEIXA TE FALAR...

Cris e Izabel são a prova de que o amor materno não conhece limites nem rótulos

34 LONGEVIDADE

Cada vez mais avós rejeitam o papel tradicional de dedicação exclusiva à co-criação dos netos

36 SÓ SEI FALAR DE AMOR

Entre o nunca e o para sempre, Liana Ferraz apresenta um amor que cabe em horas marcadas

ATUALIDADES & FUTUROS

40 DESEJANTE

Aos 62 anos, Claudia Ohana fala com franqueza sobre sua trajetória, amadurecimento e os novos tempos

52 FINANÇAS

Nem todo conselho financeiro cabe na rotina (ou no bolso) das mulheres brasileiras

54 CASA ABERTA

Vera Iaconelli revela novas faces da vida e da sua análise em seu quinto livro

62 MACHOSFERA

Discursos de ódio a mulheres ganham força online, agora mais camuflados e com maior alcance

LIFESTYLE

68 DIRETO DA UVA

Conheça o trabalho pioneiro de Lis Cereja com os vinhos naturais

76 A CASA É DELA

Maqui Nóbrega transformou seu lar em um refúgio particular e vibrante

84 DESTINO: DOÇURA

Bianca Mirabili reinventa a confeitaria brasileira inspirada pelo mel nativo

WELLNESS

88 MENOPAUSA

Após o fim do ciclo reprodutivo, a atriz Anna Lima encontrou a tão desejada liberdade

90 TOQUE QUENTE

A moda inverno promete conforto com peças fora do óbvio

SEMPRE EM CLAUDIA

4 EU E VOCÊ

94 HORÓSCOPO

98 QUEM VEM POR AÍ

CAPA

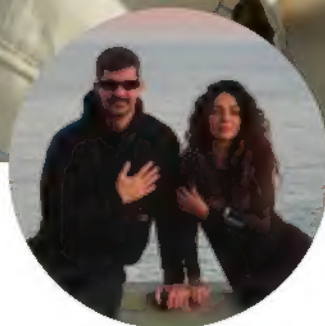
Foto Maria Magalhães Styling José Camarano Beleza Ewertton Alves Direção de arte Kareen Sayuri
Claudia Ohana usa vestido Osklen

Colaboradores



Ewertton Alves

Responsável por ressaltar a beleza da nossa capa do mês, o maquiador @ewertonpacheco, que se divide entre Rio e SP, já conhece bem os traços de Claudia Ohana, com quem trabalha desde 2017. "Já na primeira troca, senti que a energia entre nós era especial."



José Camarano

Foi com empolgação que @camarano recebeu o convite para produzir o styling da capa. Fã da atriz desde criança, uma de suas primeiras inspirações foi Natasha, personagem de Ohana na inesquecível *Vamp*. "Pude satisfazer um sonho de infância."



Luisa Destri

@luisadestri é professora, jornalista de formação e crítica literária por paixão. Em 2018, publicou a obra *Eu e Não Outra: a Vida Intensa de Hilda Hilst*, em coautoria. Nesta edição, mergulhou na intimidade da psicanalista Vera Iaconelli, que está lançando um novo livro.

Fale com CLAUDIA

Vendas Assinaturas
www.assineabril.com.br

**Vendas corporativas
e vendas em lote**
assinaturacorporativa@abril.com.br

**Atendimento exclusivo
para assinantes:**
www.minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br



Edições anteriores
Todo acervo publicado de Claudia
está no App Claudia. Baixe aqui



Licenciamento de conteúdo
Para adquirir os direitos de reprodução de
textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

Licenciamento de marca
Para inserir as marcas do Grupo Abril
em produtos e negócios, envie um e-mail
para: licenciamento@abril.com.br

**Para anunciar no espaço
digital e impresso**
E-mail: publicidade@abril.com.br

Trabalhe conosco
<https://talentosabril.vagas.solides.com.br>

ines249



Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho
CEO: Mauricio Lima

CLAUDIA

Diretora de Núcleo: Helena Galante

Redatora-Chefe: Karin Hueck

Diretora de Arte: Kareen Sayuri

Texto: Ana Luiza Bezerra, Beatriz Lourenço, Gabriela Nassif,
Kalel Adolli, Kamille Neris, Lorraine Moreira, Marina Marques

Arte: Catarina Moura, Luana Alves, Mika Nanba

www.claudia.abril.com.br
www.youtube.com/@ClaudiaOnline
Instagram: @claudiaonline
X: @CLAUDIAonline

VP DE PUBLISHING (CPO): Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA:** Filipe Gomes,
DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS: Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE:** Ciro Hashimoto,
DIRETOR DE ASSINATURAS: Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS:** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Av. Alcides Sangiardi, 301,
Usina São Paulo – Espaço C, Cidade Jardim, São Paulo/SP, CEP 05672-015

CLAUDIA 766 (ISSN 0009-8500-5), ano 64/nº 7 é uma publicação mensal da Editora Abril.
CLAUDIA não admite publicidade redacional.

Atendimento Exclusivo para Assinantes: Autoatendimento: minhaabril.com.br/, WhatsApp: (11) 3584-9200,
Telefones: SAC (11) 3584-9200, Renovação: 0800-775-2112 De segunda a sexta, das 09 às 17:30hs.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001



www.grupoabril.com.br

ines249

CLAUDIA

artsy



Férias, enfim

VEJA NOSSA SELEÇÃO CULTURAL DO MÊS (INCLUINDO O FILME AMORES MATERIALISTAS, DA FOTO), ALÉM DE HISTÓRIAS DE MULHERES INSPIRADORAS

IDENTIDADE

Luedji Luna lança dois novos discos e reafirma seu lugar na música brasileira

CORAÇÃO ABERTO

Novo romance de Giovana Madalosso fala sobre cura, amor e espiritualidade

CRUISE

As novas coleções que nos convidam a viajar para destinos paradisíacos

ines249

Inspira

S P A

OMA VISTO
VILLAGE
SURF CLUB

Férias, mon amour

*Que tal tirar o mês de julho para
respirar novos ares, cuidar de si e se
encantar com histórias inesperadas?*

TEXTO KARIN HUECK





HOTELARIA

Buena onda

Se você estiver em busca de uma praia boa para crianças e para a prática de surfe, talvez a cidade de Porto Feliz, no interior de São Paulo, não seja o primeiro lugar a surgir na sua mente. Mas acredite: esse município, a apenas 100 quilômetros da capital, se tornou recentemente um cobiçado destino para surfistas e suas famílias. Estamos falando do **Hotel Boa Vista Surf Lodge**, empreendimento do grupo JHSF operado pelo Fasano, que abriga a primeira piscina artificial para a prática do surfe da América Latina. Trata-se de um hotel de luxo, com todas as comodidades que se espera desse conceito, além da gastronomia do tradicional restaurante paulistano e uma piscina capaz de atender às necessidades de profissionais e iniciantes da prancha — como eu.

A primeira impressão é a melhor possível. Os quartos são virados para a piscina de 220 metros de extensão que, em dias de sol, se apresenta em diversas graduações de azul. A temperatura da água é agradável, assim como a da areia que a cerca, que, mesmo debaixo de um sol escaldante, não alcança os graus de seus paresitorâneos.

Mas talvez a palavra-chave de Boa Vista Surf Lodge seja a conveniência. Foi levada à primeira aula de surfe da minha vida e, em poucos minutos, já estava embalada em um macacão de neoprene, carregando uma longboard amarela, recebendo instruções de como fazer a manobra que me colocaria em pé na prancha. Um movimento rápido e sincronizado com pernas e braços deveria ser o suficiente para me tirar da posição deitada e me botar na vertical em meio à água em movimento. E de fato foi.

Pude perceber que a piscina do Surf Lodge oferece as condições perfeitas para aprender o esporte: a água vem na altura e velocidade ideais para que isso aconteça, sem o inconveniente das marés, as ondas incessantes a profundidade excessiva do mar e a disputa de espaço com os outros atletas. Surfei com sucesso por quase uma hora. Aqui entendi o charme do esporte.



É difícil explicar a sensação de deleite que acompanha o deslizar sobre a água. Sai da aula leve e relaxada, contente com a vida.

Mas se engana quem pensa que as ondas de computador só servem para surfistas que mal conseguem ficar em pé em terra firme, como eu. A tecnologia, chamada PerfectSwell, permite 100 tipos de ondulações das mais variadas dificuldades, e profissionais costumam usar a precisão da máquina para fazer manobras, filmá-las e depois aperfeiçoá-las com as repetições. Não à toa, o hotel costuma receber atletas profissionais.

Somado aos irresistíveis tratamentos oferecidos no Spa — um segundo prédio quase da largura do hotel — e aos pratos praianos oferecidos no restaurante principal e no bar (destaque para o arroz cremoso de camarão), e tem-se, de fato, a versão mais confortável possível de um dia passado à beira-mar. A 175 km do oceano. **Boa Vista Surf Lodge, diárias a partir de R\$ 3.000. Aulas de surfe: de R\$ 400 a R\$ 2.000.**

TESTAMOS

Tudo lilás

Os blushes em tons de roxo e lilás vêm ganhando espaço nas prateleiras. A tendência surge como alternativa moderna e ousada para quem quer variar. Testamos opções para todos os bolsos (ANA LUIZA BEZERRA)

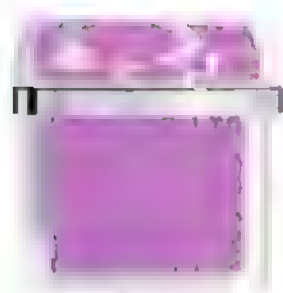
PARA A NOITE

Nos tons de roxo mais escuro, com fundo cintilante e partículas de brilho, esse blush líquido entrega alta pigmentação — algumas gotas já são o suficiente. O produto seca rapidamente, exigindo agilidade na aplicação. Indicado para quem prefere makes mais marcantes e duradouras, perfeitos para eventos noturnos. Desta, é o que se destacou para peles mais escuras. **Blush Líquido Strobe Beam no tom Magic Aura, de MAC. R\$ 199**



ALTA FIXAÇÃO

Para quem busca um tom lilás mais aberto, esse é o ideal. Com fundo rosado suave e acabamento matte, proporciona um efeito sequinho e aveludado. Possui excelente fixação e não transfere, mas vale o alerta: em peles negras, pode deixar um aspecto esbranquiçado, o que o torna menos abrangente. **Dior Backstage Rosy Glow no tom Pink Lilac, de Dior. R\$ 339**



CINTILÂNCIA

Com tom de roxo e fundo rosado, esse blush compacto entrega acabamento cintilante e pigmentação intensa. É preciso cautela na aplicação: pequenas quantidades já proporcionam cor suficiente para um visual marcante. **Blush Em Pó Compacto Rubor no tom Malva Amaratín, de Quem Disse Berenice?. R\$ 67,90**



MULTIFUNCIONAL

Perfeito para quem valoriza praticidade, o produto oferece um tom de roxo escuro com textura cremosa, o que pode dificultar um pouco na hora de esfumar. Apesar disso, é confortável na pele, extremamente resistente à água e versátil, podendo ser usado também nos lábios e olhos. **Bastão 3 em 1 — Blush, Batom e Sombra FPS 95 no tom Amora, de Ollie. R\$ 99**



DELICADEZA

Traz um tom lilás suave com brilho discreto, conferindo à pele um aspecto leve e luminoso. Para manter a cor intensa, recomenda-se a aplicação com leves batidinhas. Uma boa pedida para quem busca naturalidade com um toque de brilho. **Blush em Pó Cheek Pop no tom Pansy Pop, de Clinique. R\$ 169**



SUAVIDADE

De pigmentação delicada, esse blush matte exige algumas camadas para quem deseja realmente perceber a cor. Tem boa fixação e proporciona um efeito sequinho ao longo do dia. Ideal para quem prefere um visual discreto e elegante. **Blush Soft Pinch Matte Bouncy no tom Truth, de Rare Beauty. R\$ 239**





CINEMA

Negócios à parte

Altura, posição política, salário, escolaridade — essas são algumas características que você pode checar nos aplicativos de relacionamento quando busca um par romântico. Ao mesmo tempo, falar em voz alta o desejo por alguém com boa condição financeira e pós-graduação pode soar estranho. É esse sentimento contraditório que a diretora Celine Song desperta em seu novo filme, **Amores Materialistas**. Na trama, a casamenteira profissional

Lucy, vivida por Dakota Johnson, vê tudo como uma fórmula matemática: pessoas similares combinam, enquanto casais com diferentes histórias de vida estão fadados ao fracasso. Até que ela conhece Harry, o charmoso Pedro Pascal, um partido perfeito — e rico. Mas se percebe dividida quando reencontra John, interpretado por Chris Evans, um ex-namorado com a conta bancária vazia que tenta a carreira de ator. A indecisão entre ambos avança enquanto ela pesquisa

um *match* para Sophie, uma cliente incrível que só encontra homens tóxicos pelo caminho. A primeira vista, a história parece um triângulo amoroso. Porém, esta não é uma comédia romântica, mas um retrato sociológico (e irônico) de como é estar solteiro no século 21. A fotografia, belíssima, foi capturada pela película 35mm da Kodak, que traz aquecimento e grão fininho e charmoso às telonas. **(BEATRIZ LOURENÇO)** **Amores Materialistas**, **dia 31 de julho nos cinemas**



MODA

Tinta sobre bolsa

Para um artista, a bolsa **Peekaboo**, da **Fendi**, pode ser uma espécie de tela em branco — e isso não é exagero. O projeto que coloca o acessório nas mãos de pintores, escultores e outros criativos transforma-o, de fato, em um objeto de arte. Na edição mais recente, a escolhida foi a queniano-americana **Wangechi Mutu**, encarregada de revelar como seria a versão da bolsa impregnada pela identidade de seu trabalho — uma mistura pessoal de um dos grandes ícones da *maison* romana. "Eu quis transformá-la em algo orgânico e fantasioso", afirma. De um lado, estão as colinas do Quênia conhecidas como Ngong Hills, do outro, o magnífico pico do Monte Quênia. "Essas duas montanhas sustentam a bolsa. E, de dentro, esse galo está tentando se espremer para fora. Isso não é uma bolsa, é uma escultura", explica, sobre a criação, que é peça única. **(RENATA BROSINA)**

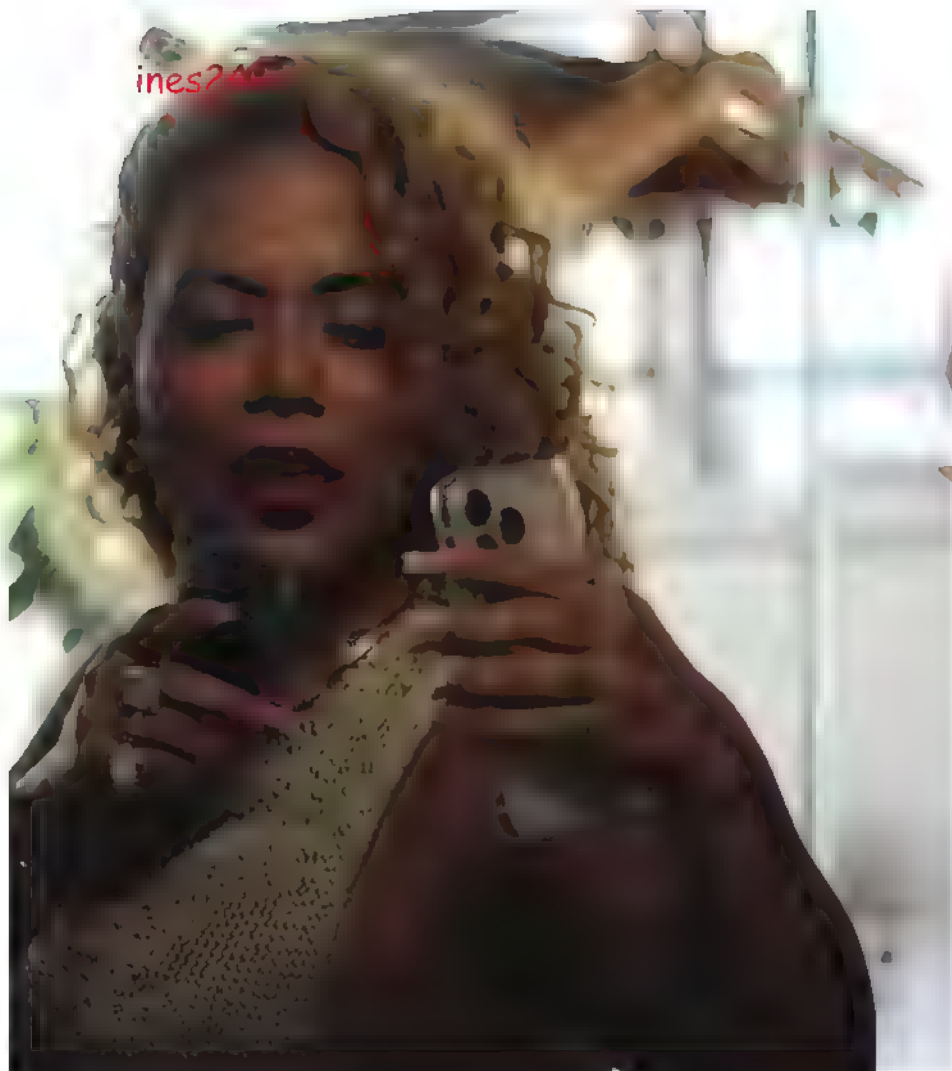
MÚSICA

Energia de bonita

"Movimento" é a palavra que melhor descreve a empresária **Nicole Balestro**, CEO do **Pagode da Negrole**, evento que mistura samba, rap e celebra a cultura preta. Filha de um compositor de samba-enredo e uma advogada especializada em direitos humanos, cresceu em um lar cercado de música, consciência política e afirmação cultural. Exú, onixá da comunicação, é seu guardião, como gosta de dizer. Na adolescência, foi na Galeria do Rock, no centro de São Paulo, que se encantou pelo hip-hop, influenciada por nomes como Lauryn Hill e Racionais MC's. Ao mesmo tempo, descobria outro fascínio: asações Públicas. Assistindo à personagem Samantha Jones, RP do seriado *Sex and the City*, entendeu qual seria o seu destino: "Já sabia o que eu queria ser, só me faltava um nome".

Nicole atuou em diversas áreas dasações Públicas, mas foi no selo CEIA, como assessora de artistas de rap, que viveu um dos momentos mais intensos da carreira, aos 32 anos. Ali, conciliava a vida profissional com a maternidade recente, enfrentando uma depressão pós-parto. "A sociedade não deixa a mulher curar. É uma dor que pesa na alma. Mas foi ela que ajudou a construir quem sou".

Hoje, goza da sua melhor fase. O Pagode da Negrole está atualmente em turnê por São Paulo, Rio e Belo Horizonte. E ela também assina a direção artística do Festival de Música, um dos maiores



do rap latino-americano, e comanda a Balestro Co, sua empresa, em que atua na gestão de carreiras artísticas. Recentemente, anunciou a estreia do podcast **Rapness**, desdobramento de seu antigo blog, em que facilita conversas sobre autoestima e potência feminina.

Aos 39 anos, se nutre do que chama de "energia de bonita", em que, pela primeira vez, se coloca como protagonista da própria vida. "Saí de um relacionamento tóxico e agora me dedico a mim e ao meu filho. Nunca estive tão lúcida, tão preparada", diz ela, que enxerga a beleza também como virtude e estratégia. "Prezo pela embalagem, sim. Isso não é futilidade, é se reconhecer. Se você não se enxerga bonita, nada adianta." Em meio a tantos altos e baixos, Nicole Balestro agora habita um corpo que suporta o amadurecimento, desafiando o sistema com coragem e sabedoria. (KAMILLE NERIS)

Rapness, estreia em 7/7, às 19h, em @RAPNESSPODCAST, no Youtube.



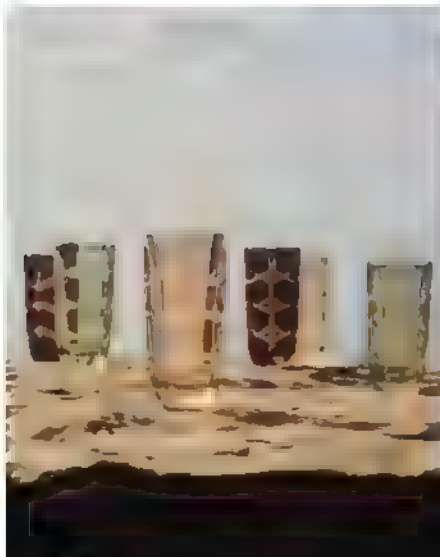


Foto: Divulgação

DECORAÇÃO *Al mare*

O eco da coleção Dioriv era, criada pela ex-diretora criativa de moda Maria Grazia Chiuri, ressoou também na linha **Dior Maison**. O *côn'co cannage* (técnica de entrelaçamento de tecelagens) transforma itens para o lar — como almofadas, velas, cadernos, canecas e vasos — em um deleite para quem deseja estar perto do mar ou levar a sensação de frescor para dentro de casa, mesmo a quilômetros de distância dos balneários. Entre os destaques, estão os vasos de cerâmica feitos em colaboração com o conceituado ceramista parisiense Jean Roger. (RENATA BROSINA)

SKINCARE

Equação elementar

a multifuncionalidade que a vida contemporânea

entre componentes vegetais, protagonistas

de rosa mosqueta e esqualano, presente em um dos

a pele e contribui para a nutrição, graças ao blend de ácido hialurônico, niacinamida, manteiga de murumuru e esqualano vegetal — proveniente da cana-de-açúcar. (RENATA BROSINA)





Inspira

CULTURA

Ela faz acontecer

A perseverança sempre guiou **Carla Salles**. Na novela *Guerreiros do Sol*, recém-lançada no Globoplay, a atriz vive Soraia. A personagem, criada a partir de um cenário comum do sertão nordestino dos anos 1930, atravessa a trama com o vigor de quem carrega a própria sobrevivência como única motivação. Para Carla interpretar-lá foi mais do que compor uma figura ficcional: revelou-se um mergulho em sua própria história.

A atriz de 33 anos vem de uma geração de mulheres que migraram do sertão pernambucano para recomeçar do zero. Foi justamente do âmbito familiar que nasceu a farsa da nova empreitada: a atriz soube da produção por uma reportagem compartilhada no grupo da família. A matéria falava sobre as filmagens da novela em Serra Talhada, interior de Pernambuco — cidade natal de sua avó. Ao descobrir que

o projeto se inspirou no livro homônimo de Frederico Pernambucano, Carla comprou a obra, leu em poucos dias e decidiu que precisava fazer parte. "Mandeí um áudio para o diretor [Papinha] falando da minha conexão com o sertão e do quanto quer a contar essa história". Escreveu também para o autor George Moura, com quem já havia trabalhado na série *Onde Nascem os Fortes*, de 2018. Não pediu um papel específico, apenas a chance de fazer um teste.

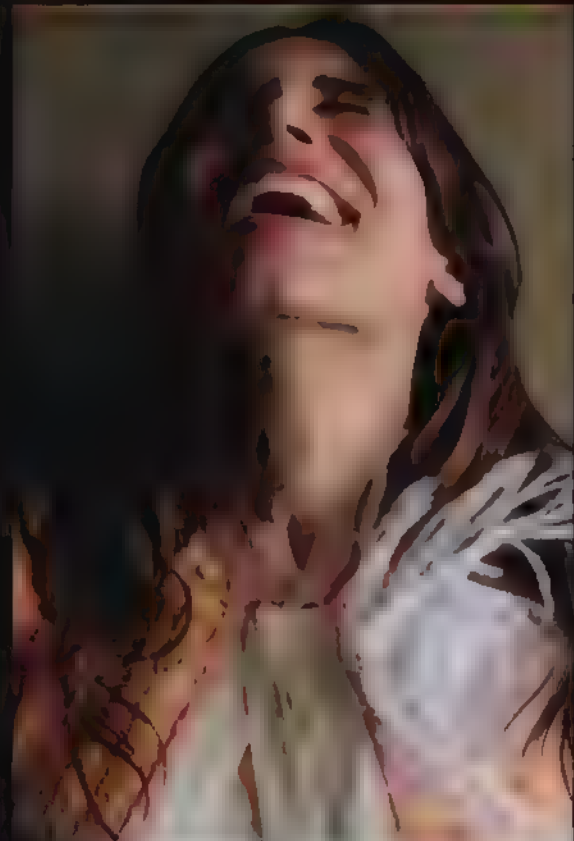
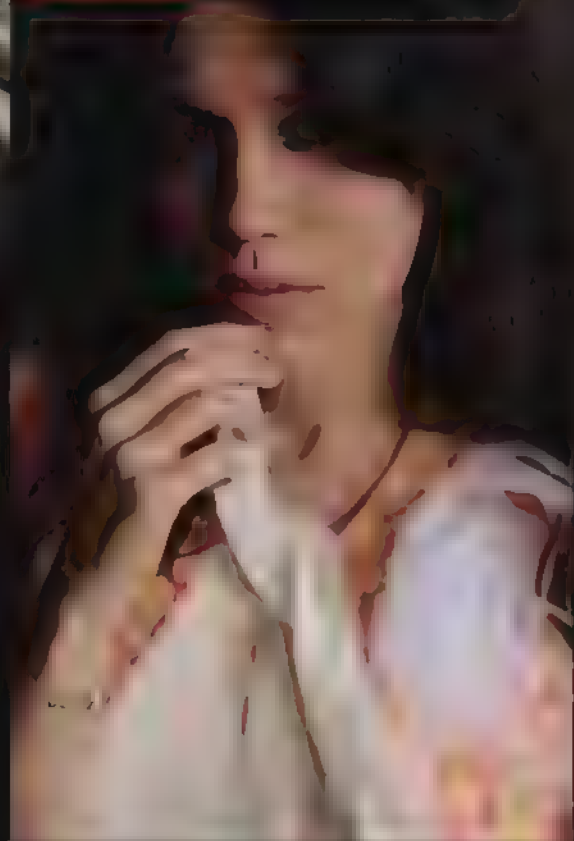
A audácia rendeu frutos: coube a ela encarnar Soraia, uma retirante confinada no Centro de Flagelados, lugar para onde autoridades da época enviavam essas pessoas com a promessa de abrigo e dignidade. Na prática, era uma tentativa higienista de esconder a miséria. "Esses centros ficaram conhecidos como o no ocausto brasileiro", diz Carla, mencionando um

capítulo pouco explorado da história nacional. Sem passado nem futuro, Soraia descobre na própria sexualidade uma arma de negociação e sobrevivência. Carla mergulhou em leituras como *Teoria King Kong*, de Virginie Despentes, para compreender o que se chama de "capital erótico". "Ela começa a conseguir o que quer através da sexualidade. Não como um sinônimo de inferioridade, mas isso faz dela uma mulher consciente dos poderes que tem". Esse tipo de personagem não é estranho ao repertório da atriz. Carla tem dado vida a mulheres complexas, inconformadas, que testam os limites do seu tempo. Leila, em *Totalmente Demais* (2015), é uma jovem feminista que atua numa revista de moda. Em *Onisciente* (2020), da Netflix, Nina é protagonista de uma distopia tecnológica. Recentemente, em *Rio Connection*, vestiu o espírito livre de uma mulher nos anos 1970.

Alem disso *Guerreiros do Sol* nos apresenta um sertão com mulheres à frente da ação, uma reinterpretação do cangaço que tem estado em evidência na dramaturgia brasileira — caso também de *Maria e o Cangaço* (2025), com Isis Valverde. Carla enxerga esse movimento não como uma distorção da história, mas uma reinterpretação simbólica: “Não tínhamos referências de mulheres nesse lugar de tomada de decisão. Então o que estamos fazendo é reinventar o que foi construído até hoje. Acho legal criar um imaginário cinematográfico novo em que meninas irão se enxergar na tela não como personagens submissas, mas como protagonistas.”

Se o imaginário coletivo está mudando, muito se deve também ao íntimo — e aí entra a figura de Ivonete. Sua avó materna é uma das grandes referências de força na trajetória da atriz. Migrou de Serra Talhada para o Rio de Janeiro com os pais e seis irmãos durante a seca. Dormiram em redes armadas sob caminhões, cruzaram estradas improvisadas e reconstruíram a vida. Mais tarde, Ivonete se tornou professora, depois psicoterapeuta hospitalar e criou as filhas. “Ela foi transgressora. Uma referência de liberdade, força e feminino. Ela passou isso para as filhas, que passaram para a gente. Esse ímpeto de ir atrás do que quer sem medo de levar um não.”

Esse espírito moldou a forma como encara a vida. Agora, à espera do primeiro filho, fruto do relacionamento com o ator Gabriel Leone, sente essa herança se expandir. “Tenho a expectativa de me tornar uma mãe que trabalha”, diz. “Amo trabalhar. O trabalho me motiva e ilumina. Sempre tive essa referência na minha família: mães que trabalham.” A artista está consciente da fase de transição — entre a estreia de um dos projetos mais significativos de sua carreira e a gestação de um novo papel, o mais transformador. “Me sinto num momento de muita luz. Estrear essa série foi uma realização pessoal. E viver esse processo da maternidade ao mesmo tempo é muito gratificante.” Talvez seja essa coragem silenciosa, persistente, que tenha feito Carla Salle uma das vozes mais autênticas e afiadas da sua geração. (MARINA MARQUES)



BELEZA

Doce glow

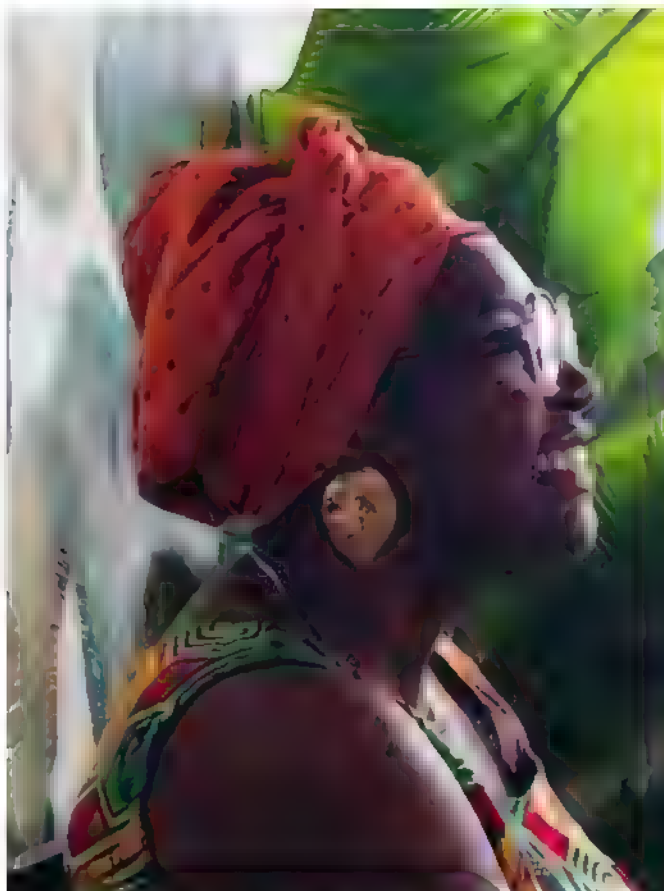
Conhecida por suas roupas românticas, repletas de laços e babados, **Leoni Per Me** se ança no mercado de beleza com a linha **Leon Beauty** com dois produtos inovais: um gloss e sticks multifuncionais. Em embalagens de acabamento fosco, os produtos são inspirados em doces, como pudim e donuts. A pigmentação é intensa, em tons que vão bem em todos os tipos de pele. Um verdadeiro *du* cor para quem usa. (CATARINA MOURA) **Leoni Beauty**, R\$59,90 (gloss) e R\$79,90 (stick), disponível em leoniperme.com



GASTRONOMIA

Sabor que inspira

Há cinco anos, a auxiliar de enfermagem **Lucimara Augusto** se desdobra entre o trabalho na área da saúde em Presidente Prudente (SP) e um talento que apostou durante a pandemia: produzir geleias, molhos e conservas de forma artesanal. Após testar alguns sabores, ela decidiu conciliar a rotina do centro cirúrgico e fundar sua marca, a **Danega Conservas**. "A primeira receita que fiz para vender foi do molho de pimenta, é o que quer dinheiro até hoje". Atualmente, vinte produtos estão no catálogo, como geleia de batata-doce com conhaque, pasta de batata-doce com pimenta, geleia de maçã e abacax com peppermint e escabeche com quiabo. "Eu não tenho nada de máquinas. As receitas, o fechamento, o envase, tudo é feito à mão. Perguntam como eu dou conta, nem eu sei", diz, soltando uma gargalhada que preenche o ambiente. Os amigos do hospital e do ramo de gastronomia são seus "degustadores", que provam as inovações em primeira mão. Quando recebe a aprovação da maioria, Lucimara coloca o produto para vender. "Sempre sonhei em ter um negócio, receber pessoas, fazer algo para colocar nas mesas das pessoas. Eu me emociono porque lembro que minha mãe falava: 'Maricota, você tem que deixar a coisa bom, para as pessoas se lembrarem de você por algo bem feito'". (JONATHAN PEREIRA) **Danega Conservas**, parte da Rota Gastronômica Pontal do Paranapanema, @danegaconservas



CINEMA

Do som às telas

Lançada em 1978, a canção **Geni e o Zepelim**, de Chico Buarque, segue atuada. Composta em meio à censura da Ditadura Militar, a letra acaba de ser adaptada aos cinemas pela diretora Anna Muylaert, de *Que Horas Ela Volta*. Ambientado em uma comunidade ribeirinha da Amazônia, o filme acompanha Geni, uma prostituta desprezada pela elite local e acolhida pelos mais vulneráveis. Quando a região é invadida por tropas lideradas por um comandante em um Zepelim, ela percebe a rara chance de virar o jogo e salvar sua cidade.

Quem vive a protagonista é a carioca **Ayla Gabriela**, artista que dedicou a maior parte de sua trajetória ao teatro, performance e dança. A escolha de seu nome foi conturbada: a produção foi pensada para ser interpretada pela cisgênero Thana Duarte, mas passou por uma reformulação após intensos debates na internet sobre representatividade. “Eu já mais acreditaria que iriam modificar a história para mim, mas fico muito feliz porque a luta da comunidade trans foi ouvida”, comenta.

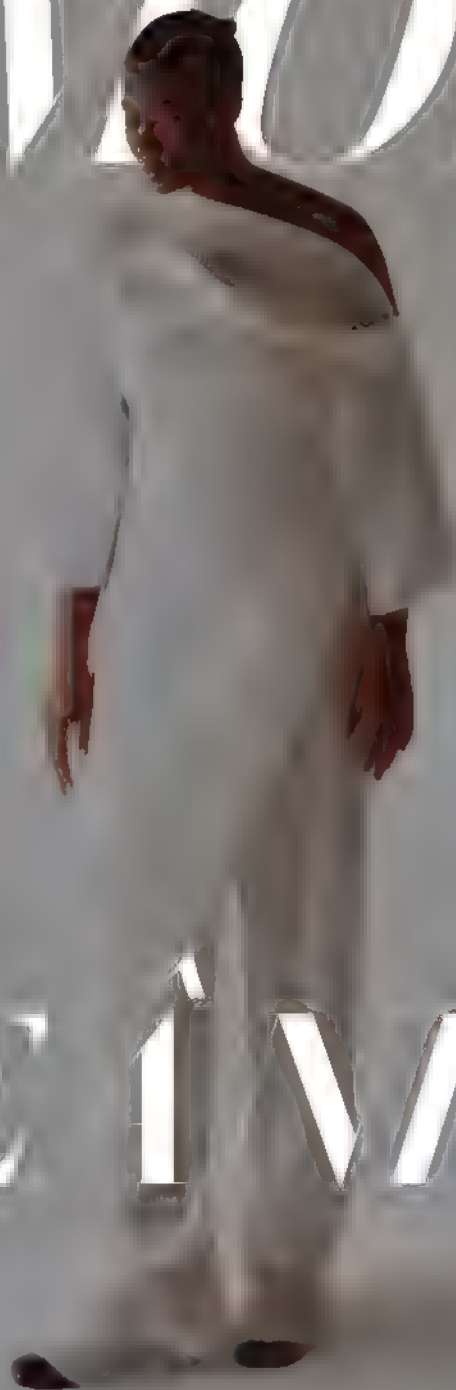
Na gravação, que durou dois meses no Acre e já foi finalizada, Ayla encarna uma figura marcada por preconceito, mas capaz de se erguer com coragem e afeto. Para ela, Geni não é objeto de escárnio, mas símbolo de um Brasil em transformação. “São pessoas que têm suas vozes caladas. Prostitutas, mulheres cis, mulheres pretas, mães solo”, diz. Durante todo o processo, foi preciso cuidado — já que sua experiência se confundiu, em muitos momentos, com o roteiro. “Esse corpo viveu essas violências tanto no filme quanto na vida real. Foi preciso fazer uma separação clara para não somatizar”. O longa, ainda sem previsão de estreia, também conta com Seu Jorge, que dá vida ao comandante do Zepelim (BEATRIZ LOURENÇO).

Milano

mes249

INVOR

OCE INVIO



Mergulhada no lançamento de dois discos, a cantora **Luedji Luna** consagra seu protagonismo na música brasileira contemporânea

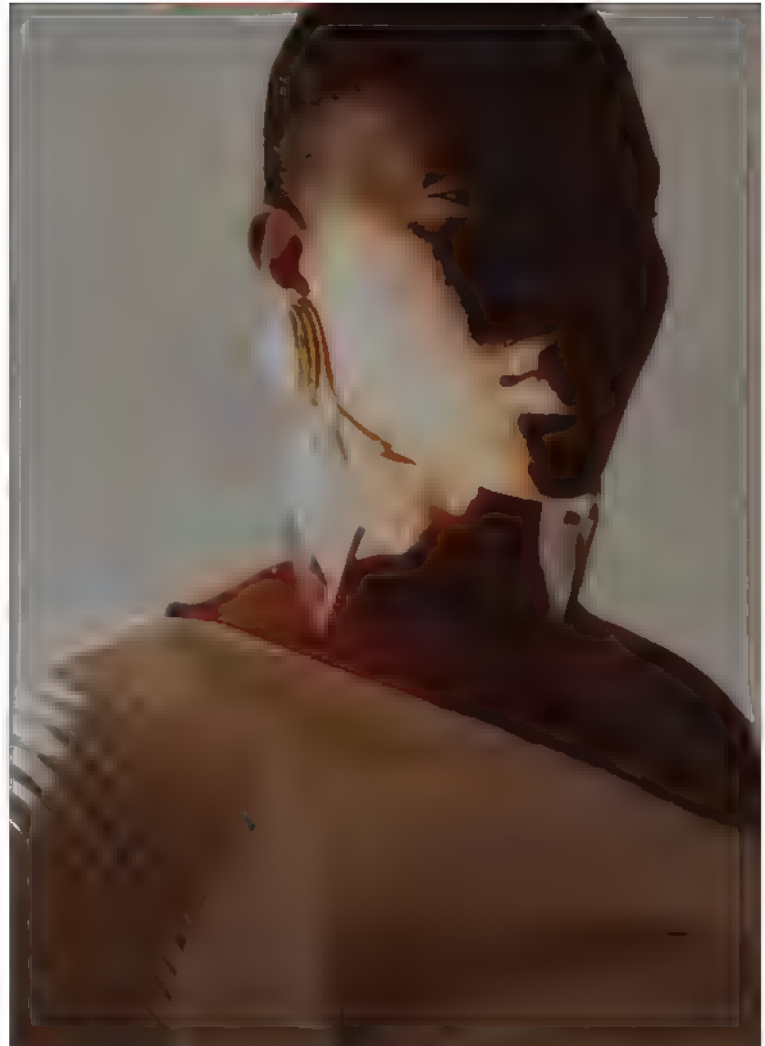
TEXTO BEATRIZ LOURENÇO

FOTOS HENRIQUE FALCI

Luedji Luna vive o fim de um ciclo marcado por uma palavra inconfundível: amor. Após lançar dois álbuns em junho com apenas 18 dias de diferença, compostos por músicas que escancaram sentimentos íntimos, a cantora baiana percebeu que o mergulho foi tão profundo que serviu para entender não apenas a si mesma — mas também o que espera do mundo. Em *Antes Que a Terra Acabe* e *Um Mar Pra Cada Um*, estão presentes suas memórias, cicatrizes e belezas que viu ao crescer. “É quase uma sessão de terapia aberta ao público”, brinca.

Aos 38 anos, com 10 de carreira e cinco discos de estúdio, ela garantiu um trabalho maduro e conseguiu conquistar seu espaço na MPB contemporânea. Isso se deve, em grande parte, à uma sonoridade que foge do mainstream, misturando ritmos afro-brasileiros, R&B, blues e jazz com letras que refletem questões sociais e existenciais. “Não faço música de massa, mas também sei que não sou desconhecida. O que acho que tenho é prestígio e respeito — algo que nem todos os artistas, nem mesmo os mais famosos, garantem”, diz.

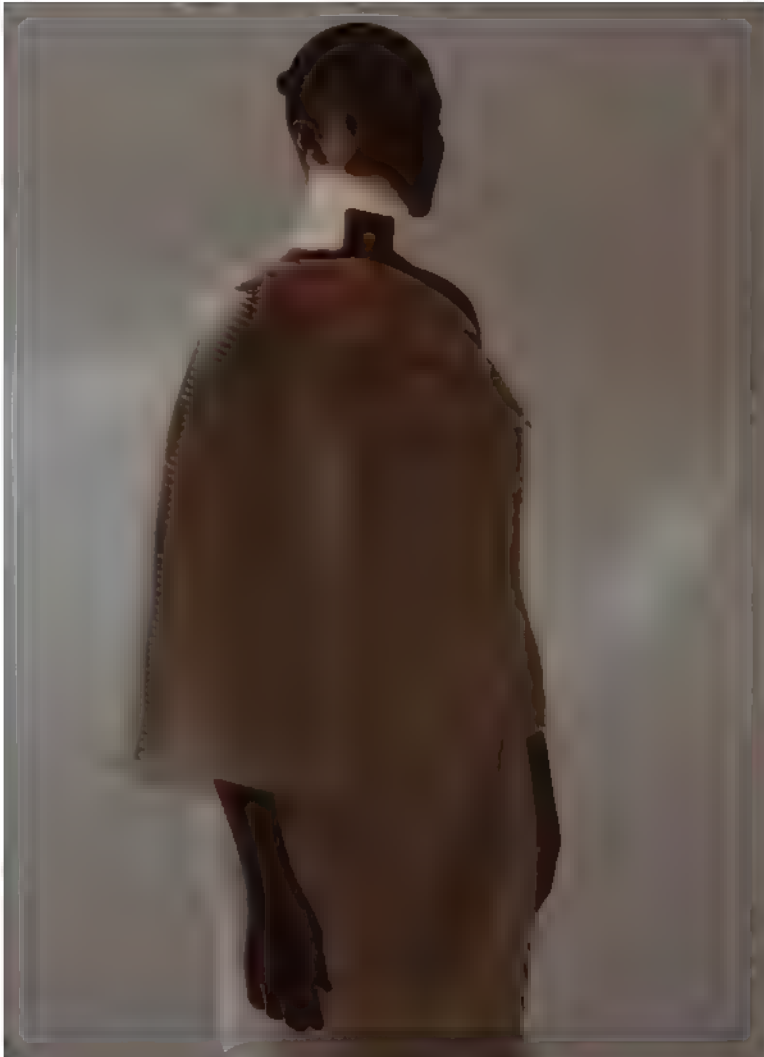
Luedji, porém, vai além: se tornou símbolo de um movimento que reivindica espaço, voz e visibilidade para mulheres negras na cultura brasileira. Tanto que criou a festa Manto da Noite, um movimento que ajuda a trazer artistas negros aos holofotes. Prestes a estrear com seu primeiro papel no cinema no longa *A Melhor Mãe do Mundo*, de Anna Muylaert, Luedji sente que ainda tem muito chão pela frente: “Me vejo uma artista a longo prazo”. Sorte a nossa.



Como você define esse momento da sua carreira? Estou completamente ocupada com o trabalho mas, ao mesmo tempo, muito feliz — fiquei mais de um ano construindo esses dois discos. Acredito que esse seja o fim de um ciclo focado no amor. Fiz tudo produzindo outras coisas: uma festa, uma turnê, a maternidade, viagens dentro e fora do país. Não tive um ócio criativo, então o resultado foi atravessado por toda a minha vida profissional e pessoal. É um momento de muito cansaço, de muita correria, mas tenho certeza que tudo logo se estabiliza.

Do começo da sua carreira até aqui você canta sobre o amor. Como ele foi se transformando ao longo do tempo? Meu primeiro disco só tinha uma única canção de amor. Eu cantava mais sobre a experiência de migrar, de sair de Salvador e morar em São Paulo — foi quase como entrar em uma crise identitária. As músicas questionavam o lugar do corpo negro no Brasil. Era uma viagem pessoal, filosófica e política. Três anos depois é que mergulho no amor

Música



Coincidentemente, foi no ano em que me tornei mãe — pari um disco e um filho quase ao mesmo tempo. E ele era sobre mulheres negras amando e sendo amadas para construir um novo imaginário. Agora, estou completamente humana: revelando a minha intimidade, minhas contradições, meus defeitos, meus erros, meus medos, minhas inseguranças.

Como é esse amor que você canta? O amor em si não é mais maduro, mas estou mais madura para me compreender amando e sendo amada. Nesses dois discos, descubro que a necessidade de falar e escrever sobre amor nessa dimensão oceânica tem a ver com as minhas carências igualmente oceânicas. Tem a ver com a minha subjetividade, com o ego, a necessidade de ser validada e me sentir bonita e desejada. Entender tudo isso me traz maturidade para amar

Durante a nossa conversa, você falou muito sobre o oceano. Qual é a sua relação com a água? Eu sou baiana, nascida e criada. O território modula a gente, eu aprendi a amar em Salvador. A primeira fonte de amor é a família, então lembro das viagens que fazíamos junto com primos, tios, avós... A gente alugava um barco e passeava pelas ilhas, cachoeiras, mares. Lembro do meu pai me ensinando a nadar na Lagoa de Abaeté, dos dates ali na Bahia de Todos os Santos. Todos os meus afetos se construíram a partir dessa paisagem. Se fecho os olhos, tenho a fotografia da água presente.

Quais rituais ou práticas te ajudam a se manter centrada nesse momento de tanta criação e exposição? Ano passado tive acesso ao uso de frequências sonoras — uso muito pra dormir. Também conheci o *sound healing*. Gostei tanto que coloquei no disco. Também amo ir para o terreiro porque fico em paz com a minha espiritualidade. Além disso, amo não fazer nada. Minha casa é o lugar onde mais gosto de ficar, é onde me reabasteco. Mas meu trabalho não é conhecido o suficiente para me aposentar.

Mas seu nome é referência na música brasileira, certo? Minha carreira é um fenômeno porque não faço música muito pop. Quando digo que estou no começo é porque ainda tenho muito a conquistar e há muitas pessoas que não me conhecem. Quando me comparo às minhas referências, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Caetano Veloso, esses artistas que estão na estrada há tantos anos, me vejo uma artista a longo prazo. Quero ser uma artista dessa dimensão.

A sua música sempre dialogou com questões raciais. Como esses elementos aparecem agora? Não aparece de modo literal e nem tão direto. Mas toda a expressão de desejo, dessa vontade de amar, dessa carência, é fruto de violências e de escassez de amor. No final das contas, eu só estou querendo me humanizar com esses dois trabalhos. É uma resposta a um mundo que desumaniza corpos como o meu. Eu tenho como objeto de desejo um outro corpo preto ou uma mulher. Então as canções cumprem o papel de falar sobre o amor dissidente e o amor preto. □



*Com dois discos, descubro que a necessidade
de amor tem a ver com as minhas caren-
ças. De ter com a minha subjetividade, com o ego,
a necessidade de ser validada e me sentir bonita e dese-*



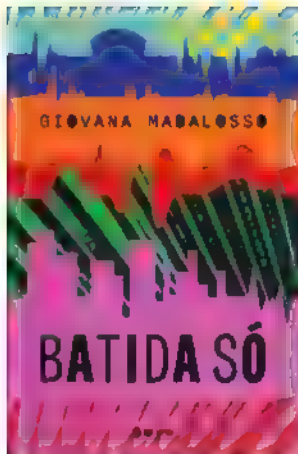
VIVER PARA CRER

Novo romance de **Giovana Madalosso** discute fé, em narrativa que aborda vida, morte, amor e entrega

TEXTO KARIN HJECK ILUSTRAÇÃO MIKA NANBA

Maria João é uma jornalista com um problema cardíaco que está proibida de se emocionar. Nico tem onze anos, um linfoma e o sonho de ser cantor. E Sara, mãe de Nico e amiga de infância de Maria João, suspendeu a vida para tentar encontrar a cura para o filho. Focado nesses três personagens tomados por urgências, o novo roman-

ce de Giovana Madalosso, *Batida Só*, teria tudo para abrigar sofrimentos intensos em suas 234 páginas — mas não o faz. Em vez disso, traz uma narrativa delicada, esperançosa, comovente, na qual a fé (no divino, na medicina, uns nos outros) se torna a força motriz dos protagonistas. Conversamos com Giovana, atea desde criança, sobre esse mergulho nas coisas inexplicáveis da existência.



Batida Só, Giovana Madalosso, Todavia, R\$ 74,90

Por que você decidiu criar o personagem do Nico, uma criança com linfoma? Sinto que é um assunto no qual as pessoas geralmente não gostam muito de pensar... Eu acho que

também não teria me aproximado disso, se minha filha não tivesse enfrentado um problema de saúde. Passamos por um périplo de médicos e especialistas, e depois por alguns destinos de cura. Então eu vivi tudo isso. O estopim inicial para escrever veio a partir dessa observação da doença na infância, do corpo, da fé, da cura.

No livro, os três personagens principais vão para uma cidade distante em busca de um tratamento espiritual — algo que você agora disse que também vivem. Como foi essa experiência? Foi muito surpreendente, porque foi um médico respeitado que me disse: “Por que você não procura um lugar de cura?” Ele sugeriu um homem que era médium e fazia alguns tratamentos. Para mim, foi impactante, porque desde criança eu sou atea. Eu me declarei atea muito nova, não sei nem de onde tirei isso, mas passei toda a idade adulta sem acreditar em Deus, sem desenvolver nenhuma espiritualidade. E, de repente, da noite pro dia, eu quis ter, eu precisava ter.

E você conseguiu entrar em contato com a sua espiritualidade? Eu sempre quis acreditar, sempre tentei calar esse meu lado que julga as coisas. E muitas vezes tentei me entregar. Só que eu tenho uma grande dificuldade. Esses lugares são muito estimulantes, fascinantes e cheios de rituais que, para mim, são curiosos e novos. A escritora não me deixava em paz, porque eu falava: “vai lá, Giovana, vamos ter fé, concentração”. E aí eu abria o olho e pensava: “Nossa, preciso muito escrever sobre isso” (risos). Então, eu diria que a minha versão escritora dificultou bastante a tentativa de transe na fé.

Outro grande trunfo da obra é a personagem da Maria João, que desenvolve um problema cardíaco e fica tentando fugir de emoções para não piorar seu quadro. De onde surgiu essa ideia? A partir do momento que comecei a frequentar médicos e hospitais, comecei a observar o coração, que é esse órgão incontornável. O cuidado das pessoas com o coração surgiu como uma metáfora muito poderosa para falar sobre uma questão contemporânea: a gente não querer sentir nada, né? A gente vê as pessoas falando: “ah, não vou namorar para não me machucar, não quero mais me envolver com ninguém”. E à medida que eu ia privando a Maria João das emoções, percebi que, quando você tira as emoções, o que sobra? Você tira a vida da vida.

O livro tem uma toada esperançosa em meio a tantas dificuldades. Era sua intenção desde o começo? Para mim, quando decidi que a Maria João iria se fechar para as emoções, se tornou importante que ela amasse alguém. Mas eu não queria que fosse um homem — de novo um homem? Queria olhar um pouquinho para possibilidades de amor fora do amor romântico. Assim, ela se apaixonou por um amigo, por um menino.

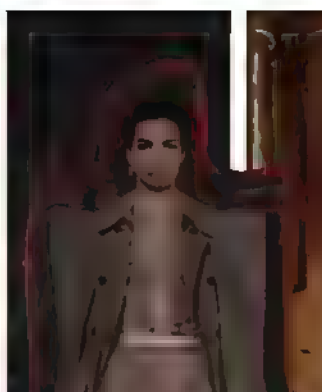
Como foi a pesquisa para este livro? Você conversou com muitos médicos? Acredito nos sinais que o romance vai recebendo. Eu andava atrás de um médico, um hematologista, mas estava muito difícil achar alguém com paciência para me ajudar. Eu precisava de diversos detalhes e abordei uns dois ou três médicos que não toparam parar suas vidas corridas para me ajudar. Então eu fui para Flip [*Festa Literária Internacional de Paraty*] e aconteceu uma coisa muito bonita. Numa festa, de madrugada, eu conheci na pista de dança um hematologista que era meu leitor. Ele falou: “Eu adoro o seu trabalho”. E eu: “Então eu tenho uma missão para nós”. E nós criamos o Nico juntos. Mas outra coisa aconteceu nessa noite. Nessa mesma festa, eu conheci uma mulher que perdeu um filho repentinamente, um adolescente. Ela também foi uma pessoa que me ajudou muito. É dela uma frase do livro que eu amo, e que nunca imaginaria como escritora, se não tivesse ouvido alguém falar. Ela me disse: “se tivesse que escolher entre um outro filho ou o meu, com o problema que ele teve, eu escolheria o meu filho de novo, porque essa vivência já valeu”. □



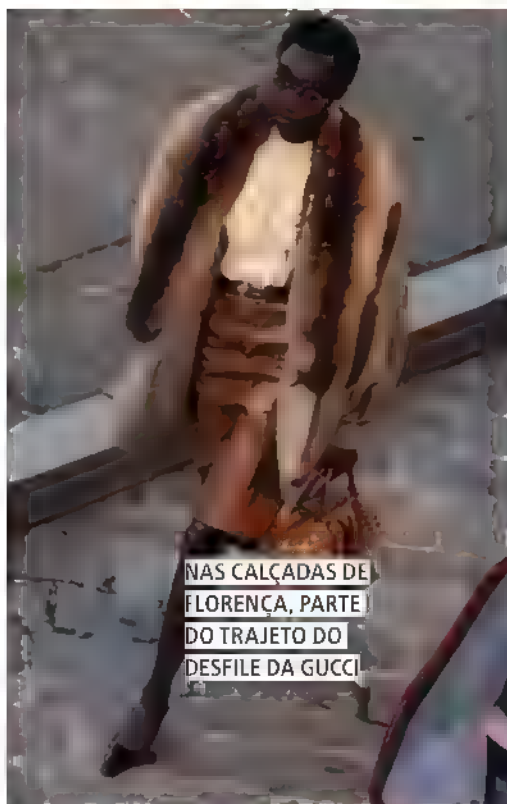
A VERSÃO RELAXADA
DO TWEED, ÍCONE DA
CHANEL, ADAPTADO
AO MOOD DOLCE
VITA DE CRUISE



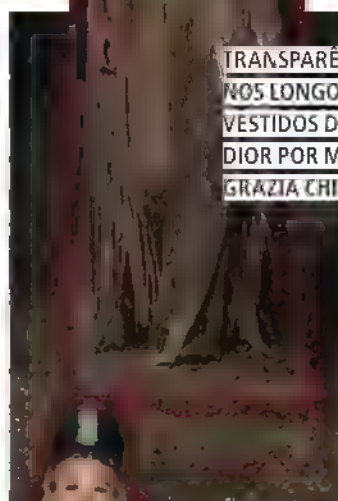
TRANSPARÊNCIAS
NOS LONGOS
VESTIDOS DA
DIOR POR MARIA
GRAZIA CHIURI



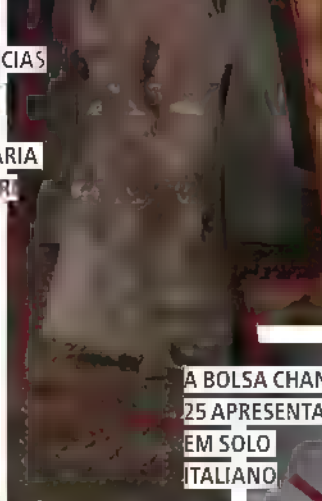
O CENÁRIO
DO DESFILE
DA DIOR
EM ROMA



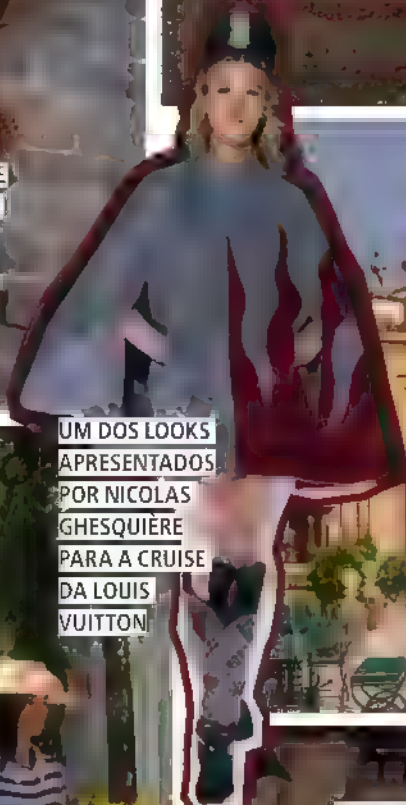
NAS CALÇADAS DE
FLORENÇA, PARTE
DO TRAJETO DO
DESFILE DA GUCCI



A BOLSA CHANEL
25 APRESENTADA
EM SOLO
ITALIANO



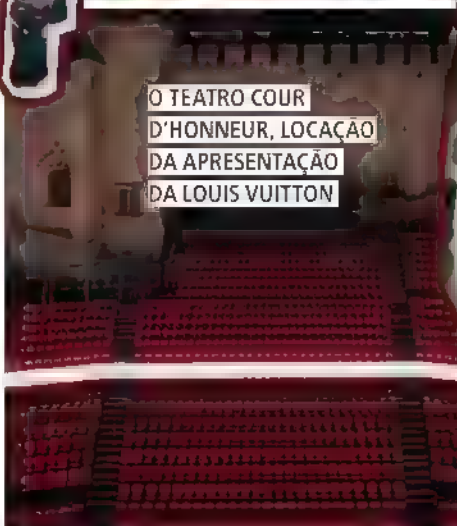
AS LISTRAS
TAMBÉM
GANHAM
DESTAQUE
NA COLEÇÃO
DA CHANEL



UM DOS LOOKS
APRESENTADOS
POR NICOLAS
GHESQUIÈRE
PARA A CRUISE
DA LOUIS
VUITTON



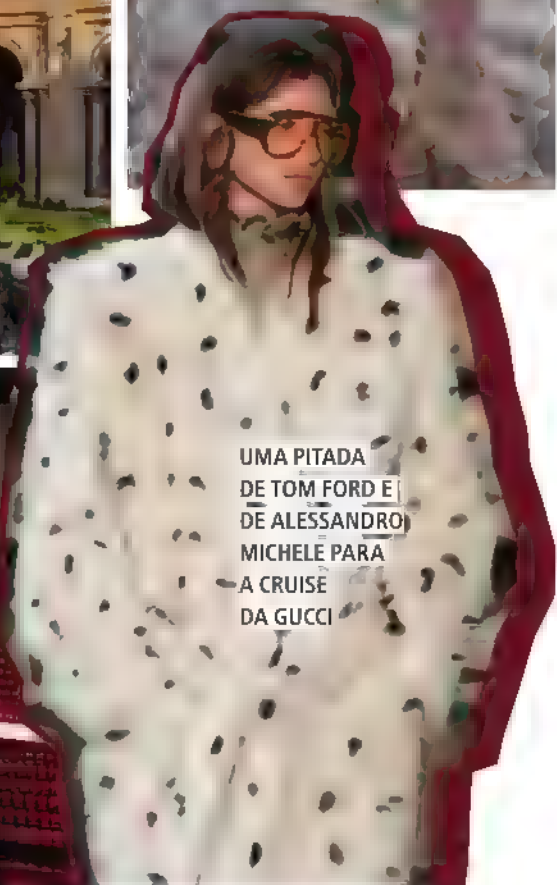
OS JARDINS DA
VILLA ALBANI
TORLONIA



O TEATRO COUR
D'HONNEUR, LOCAÇÃO
DA APRESENTAÇÃO
DA LOUIS VUITTON



UMA PITADA
DE TOM FORD E
DE ALESSANDRO
MICHELE PARA
A CRUISE
DA GUCCI



COLEÇÕES DESTINO: a viagem continua sendo o ponto de partida

Chanel no Lago de Como, Dior em Roma, Vuitton em Avignon e Gucci em Florença: as coleções Cruise 2026 mostram que, mais do que moda, são experiências com data, lugar e memória

Ao longo de abril e maio, a palavra “Cruise” passou a nomear coleções de prêt-à-porter apresentadas fora do calendário tradicional da moda. Ainda que pareçam um “extra” em relação ao que se vê oficialmente duas vezes por ano, as criações dessa categoria são fundamentais. Afinal, transformam essa temporada em uma oportunidade de contar histórias para além da neutra sala de desfile.

Apesar da tradução literal ser “cruzeiro”, o mais apropriado seria utilizar a expressão “coleção destino”. A origem desse tipo de coleção está diretamente ligada às malas de viagem preparadas para as férias de verão em balneários europeus. De fato, as roupas precisam ser descomplicadas e reunir opções para diferentes momentos: do café da manhã à festa mais elegante e despretensiosa da viagem. Mas os materiais e acabamentos não são menos sofisticados — pelo contrário, há uma valorização extrema do trabalho manual. E o quarteto mais aguardado da tempora-

da, composto por Chanel, Dior, Gucci e Louis Vuitton, sempre surpreende. Não apenas pelas formas como desenvolve suas coleções, mas também onde. Afinal, o destino importa.

A começar pela Chanel, que estreou a temporada Cruise 2026 em solo italiano. Após dois anos de dedicação para traduzir suas raízes parisienses à *dolce vita* de um dos lagos mais charmosos do norte da Itália, o Lago de Como, o desfile apresentou não apenas uma sequência de peças com espírito leve, mas uma conexão real com sua fundadora. O hotel Villa d'Este foi a locação eleita para o show — e também uma oportunidade de revelar um passado pouco conhecido sobre a relação de Coco Chanel com o país — e, sobretudo, com o cinema. O espaço reviveu a amizade entre a estilista e o diretor Luchino Visconti. Era na casa dele que ela passava alguns verões — e o cenário paradisíaco, desta vez com guarda-sóis amarelos, celebrou a vida descontraída da visitante que veste conjuntos de *tweed*, vestidos esvoaçan-

tes de tafetá ou um look composto por camisa polo. Ela carrega sua bolsa — que pode ser uma versão maxi, ideal para a beira da piscina, ou uma *minaudière* em formato de cupcake.

A Gucci, enquanto aguarda seu novo diretor criativo, Demna Gvasalia, para a estreia em setembro, resolveu levar seus convidados diretamente aos seus arquivos — no sentido mais literal possível — no histórico Palazzo Strozzi, em Florença. Falar sobre o legado da grife italiana é revisitar sua história com os artigos de couro repletos de monogramas — como o emblemático GG Canvas — nos acessórios, mas também reencontrar os códigos visuais de seus quatro diretores criativos de vestuário: Tom Ford, Frida Giannini, Alessandro Michele e, o mais recente a se despedir, Sabato De Sarno. O flerte — ainda que quase psicológico — com Demna já se insinua na irreverência das silhuetas, detalhes e materiais que fazem parte da identidade do estilista georgiano.

Nicolas Ghesquière costuma ser

Por trás da moda



genial na maneira como trabalha a temporada Cruise para a Louis Vuitton. Sempre em busca de uma construção arquitetônica de tirar o fôlego — já elegeu cenários como o Museu de Arte Contemporânea Oscar Niemeyer, em Niterói; o Museu Miho de I.M. Pei, nos arredores de Kyoto; e o Salk Institute, na Califórnia —, surpreendeu ao incluir o Palais des Papes em sua jornada. Na passarela, iniciada com um caminho de linha única entre os assentos vazios do teatro Cour d'honneur, celebrou-se a importância desse edifício francês histórico onde, por anos, os papas se hospedavam durante o verão. Com referências à indumentária religiosa, Ghesquière trouxe sua estética futurista às versões elaboradas de capas, vestidos, casacos, chapéus e sobreposições com estampas, recortes e brilhos metalizados. Uma sintonia que revela a conexão audaciosa entre passado e futuro.

Já Maria Grazia Chiuri, dias antes de sua despedida das linhas femininas da Dior, desvendou sua brilhante coleção nos encantadores jardins da Villa Albani Torlonia, em Roma. Era composta por coletes com lapelas acompanhadas de saias longas ou vestidos feitos com renda finíssima, alguns com camadas que remetiam ao efeito de queda d'água das fontes famosas da capital italiana. A temporada de Cruise, de fato, é um deleite para quem quer se apaixonar pela moda. □



Renata Brosina
@renatabrosina é jornalista e editora de moda com foco em luxo e sustentabilidade

CLAUDIA

amor & sexo



Cuidar de si

CADA VEZ MAIS AVÓS RECUSAM O PAPEL DE
"MÃES SUBSTITUTAS" — ELAS AMAM OS NETOS
MAS NÃO QUEREM ABRIR MÃO DE SI MESMAS

PONTO FINAL

O ex virou encosto? Dicas infalíveis de como enterrá-lo de uma vez por todas

LAÇOS FORTES

O amor entre mãe e filha comprova que o afeto não tem limites

BREVE ETERNIDADE

Liana Ferraz fala sobre amores que acontecem inteiros num só dia

Ministra do Namoro

MATE SEU EX!

Os segredos e a verdade sobre
como superar o término de um namoro



Eu sei. Com o fim de um namoro — ou pior, de um quase — vem aquela missão praticamente impossível: esquecer um grande amor. Mas vou te contar uma coisa. Às vezes, é mais difícil superar uma paixão tórrida de dois meses do que um casamento de 16 anos. Verdade. O “quase” não fecha, não tem desfecho, não vira luto. Fica rondando a cabeça feito mosquito em quarto quente.

Não estou aqui para ditar regras. Sei que tem gente que sofreu horrores por relacionamentos longos, sérios, documentados em cartório. Mas tente esquecer um quase-algo. Um quase-amor. Um quase-nós. É de enlouquecer. Falo isso com propriedade. Atravessei cinco países, dois desertos, escalei vulcões, enfrentei nevascas, temperaturas extremas, lugares inóspitos — e voltei para São Paulo chorando porque queria ter mostrado tudo aquilo para ele. O ex. O quase. O encosto.

Em cada paisagem surreal, eu pensava: “Ele iria amar isso”. Cada pôr do sol, uma saudade. Cada lagoa colorida, um *flashback*. A cada passo, uma dorzinha ali no coração — não por que eu não estivesse feliz, mas porque eu queria dividir aquilo com ele. Uma parte de mim ainda achava que viajar era só metade da experiência caso não houvesse alguém para segurar minha mão e dizer: “Caramba, olha isso”. Mas ele não estava lá, já tinha partido (não para o aeroporto, mas para uma realidade da qual eu não fazia mais parte). E eu? Seguei ali, tentando me distrair com flamingos cor-de-rosa e placas tectônicas, mas o pensamento voltava como se fosse notificação do WhatsApp, em uma segunda-feira de trabalho pós-feriado de cinco dias.

Rezei. Fiz banho. Fui na gira.

Consultei tarô, búzio, Exu, pombagira, terapeuta. Tentei física quântica, reiki, missas, filmes de apocalipse zumbi, biografia de Freud, playlists de empoderamento. Rádio evangélica. Livros ruins de autoajuda. Live de coach amoroso (desculpe, mas é verdade e não me orgulho). Nadinha funcionava.

Como sou uma mulher com responsabilidade afetiva (vejam bem, senhoras e senhores), não queria colocar outra pessoa na minha vida só para preencher o vazio. Eu não sou esse tipo de arquiteta emocional.



EU, COMO AUTORA E ATRIZ DA PRÓPRIA TRAGÉDIA ROMÂNTICA, JOGUEI MEU EX NO OBITUÁRIO SIMBÓLICO E FIZ MEU LUTO

O projeto só começa quando a estrutura tá firme. Foi então que li em algum lugar uma ideia radical e genial: fingir que ele morreu. Sim. Morreu. Nada de “ele seguiu em frente”, “não era para ser”, “quem sabe no futuro”... Não. Ele morreu. E morreu feio, emocionalmente falando. E assim começou meu teatro interno:

— Ai, queria tanto ver esse filme com ele...

Mas ele morreu.

— Que paisagem linda, queria mostrar pra ele.

Morreu.

— E se a gente se encontrar lá na frente?

Não tem lá na frente. Tá enterrado. Sete palmos abaixo da terra.

E nesse exercício lúdico, quase

dramático (obrigada, fé cênica), comecei a me livrar. Porque o cérebro não distingue ficção de realidade. Se você disser para ele que o ex morreu e repetir isso por tempo suficiente, o cérebro acredita. E com isso, você começa a entender: saudade existe, mas não há mais continuidade nesse plano terrestre. Porque acabou. De verdade. É o teatro mais terapêutico da vida. Eu, como autora e atriz da própria tragédia romântica, joguei meu ex no obituário simbólico e fiz meu luto. Não foi fácil, mas foi libertador. Me deu um alívio que há muito tempo eu não sentia.

E se você me perguntar: “Mas e se eu encontrar ele na rua?”. Alma penada! Atravessa. Reza um terço. Evite contato com o além. Você atravessa a rua correndo, pois temos medo de espíritos. Não é desejar o mal. É só um recurso narrativo para proteger o seu coraçozinho. Uma brincadeira (ou não) pra organizar o luto de quem insiste em continuar vivo só dentro da sua cabeça. Portanto, como Ministra do Namoro, decreto: enterre o ex. Viva o luto. Fuja da alma penada. E, só para garantir, acenda uma vela. □



Martchela

Jornalista, atriz e humorista,
@martchela__ é apresentadora
do Lambisgóia Cast

Deixa te falar...

AMOR DE MÃE

*A história de Cris e Izabel
desafia preconceitos e mostra
que o afeto não tem limites*



A primeira vez em que Cris ouviu alguém dizer que sua mãe não poderia ter filhos, ela ficou confusa. Era uma aula de Ciências, e a professora explicava sobre genética e cromossomos, até mencionar, com tom de certeza, que quem tem a síndrome é estéril. Mas a mãe de Cris tinha síndrome de Down — e ela mesma era prova viva de que aquilo não era verdade. Diante da afirmação, só uma explicação parecia possível: talvez fosse adotada. Mas não era.

Na dúvida, procurou um tio. Depois um médico. E, aos poucos, as perguntas deram lugar a uma certeza: sim, sua mãe tinha síndrome de Down. Sim, era sua mãe biológica. E sim, nada disso tinha feito diferença alguma até aquele momento.

Cris faz questão de dizer que teve uma infância comum — porque é assim que ela quer que a gente entenda: normal, como a de qualquer criança. A mãe a levava para a escola, ensinou as primeiras letras, fazia o melhor lanche para as amigas, penteava o cabelo com capricho e brincava no chão. Mãe igual a todas as outras. Mas a sociedade raramente enxergava dona Izabel como ela realmente era: uma mulher, uma mãe, uma força.

Caçula de 19 irmãos, ela nasceu no interior de Goiás e foi criada no colo dos pais e dos irmãos mais velhos. Cresceu sendo chamada de manhosa, mimada, diferente — mas nunca teve um diagnóstico. De fato, ela demorou para andar, falava um pouco enrolado, se isolava... mas tudo era justificado porque era “o jeitinho dela”. Só aos 35 anos, depois de mais de uma década tentando engravidar, é que um médico deu

nome ao que todos antes tinham apenas intuído: síndrome de Down. O médico foi categórico, disse que ela nunca engravidaria, pois era biologicamente impossível. Informou que a tal trissomia do 21 tornava mulheres inférteis. Dona Izabel, que desde sempre contrariou o que diziam ser regra, engravidou meses depois.

No nascimento de Cris, a família teve certa desconfiança da capacidade de sua mãe. Mas ela não tem dúvidas: sua mãe é a melhor que poderia ter. Foi quem a ensinou tudo



**O MUNDO AINDA
PRECISA APRENDER
QUE SER DIFERENTE
NUNCA FOI SINÔNIMO
DE SER MENOS**

o que sabia, quem se dedicou por inteiro, quem esteve presente em todos os momentos. Quando Cris teve seus próprios filhos, foi Izabel quem assumiu os cuidados, enquanto ela estudava e trabalhava. Foi mãe duas vezes — da filha e dos netos — com o mesmo amor e dedicação de sempre. Ainda assim, nem mesmo Cris escapou de reproduzir o estigma em algum momento. Quando seu primeiro bebê nasceu, ela hesitou em deixar a mãe dar o primeiro banho — teve medo. Não queria magoá-la, mas também não sabia se ela daria conta. Mas a vida, que é sábia, deu a ela um segundo filho. E, desta vez, ela entregou o recém-nascido nos braços da mãe sem medo.

Cris conta essa história com orgu-

lho. Porque sabe que até mesmo pessoas que cresceram livres do preconceito podem, em algum momento, deixar ele escorregar. Mas isso não a define. O que define essa história é o afeto. A trajetória das duas é exemplo para muita gente. Pessoas que achavam que uma mulher com síndrome de Down não poderia ser mãe — ou que nunca tinham parado para pensar que uma vida comum, feita de pagode, bolo de fubá e carinho no cabelo — pode, sim, ser vivida por qualquer um. Os medos alimentados pela nossa sociedade precisam ser revistos. Pessoas com deficiência têm o direito de ocupar os espaços, viver suas histórias, formar família, ter filhos e serem felizes, como qualquer um.

A dona Izabel, que hoje é a vovó Bela, continua fazendo os melhores bolos e sendo a alma da casa. Cris segue contando essa história, não porque ela é diferente, mas porque o mundo ainda precisa aprender que ser diferente nunca foi sinônimo de ser menos. □



**Alexandre Simone
e Lucas Galdino**
comunicadores e criadores
do @historiasdeterapia



Avós LIVRES

Apesar do avanço da
idade, as crianças

estão se tornando

avós

TEXTO



longevidade

Por muitos anos, a figura da avó foi tratada quase como uma caricatura: uma senhora de idade, de olhar terno e sorriso afetuoso, que passa horas fazendo tricô em sua cadeira de balanço. Guardiã dos saberes ancestrais, ela é também quem prepara as melhores guloseimas para as crianças e conta as histórias da família. Embora essa imagem, semelhante à personagem Dona Benta, de Monteiro Lobato, seja acolhedora, há uma parcela (quase invisível) de mulheres que nos últimos anos, andam recusando esse estereótipo.

Rosana Lucena, de 57 anos, tem cabelos cor-de-rosa, trabalha como assessora parlamentar e representa o oposto desse modelo. Foi mãe aos 20 e precisou equilibrar a faculdade com as exigências da família. Vinte e seis anos depois, tornou-se mãe novamente e, no ano seguinte, avó. Mas, diferentemente do que se esperava, ela rejeitou de imediato o papel de protetora que lhe foi atribuído: “Dizem que a gente tem esse instinto protetor, mas acho isso uma bobagem. Deixei bem claro que não tinha essa disponibilidade. Não por falta de amor, mas porque tenho minha vida e tarefas para cumprir”, afirma. O tão valorizado tempo livre é dividido entre descanso, saúde e a dedicação ao filho mais novo, de 10 anos, com quem gosta de compartilhar leituras silenciosas — reflexo de um lar tranquilo.

Por trás da avó disponível, esconde-se uma lógica conhecida por muitas mulheres: a de que cuidar é um verbo feminino. A expectativa de que, uma vez concluída a tarefa de criar os filhos, uma mulher também precise assumir o papel de “mãe substituta” dos netos muitas vezes não é negociada, mas pressuposta por toda a sociedade. Essa cobrança, por vezes silenciosa, é, na verdade, uma extensão do trabalho não remunerado que todas carregam há gerações. “Faço parte de uma nova onda de avós que são afetivas, mas não personificam o padrão imposto a nós”, reflete Rosana.

“
QUANDO MEU
NETO FOI PARA A
ESCOLINHA, EU FIQUEI
UM POUCO CONFUSA
PORQUE PARECIA QUE
A RESPONSABILIDADE
ERA MINHA. MEU
MARIDO NÃO SENTIU
ESSA PRESSÃO

Tereza Dantas, 57 anos



ANULAR A SI MESMA

Tereza Dantas, de 61 anos, também faz parte dessa onda. Quando soube da chegada do novo membro da família, sentiu um amor imenso — era como voltar no tempo e rever a filha pequenininha. “Com ele, veio uma conexão profunda e a sensação imensa de gratidão”, revela. Dos quatro aos seis meses, o bebê ficava por volta de oito horas por dia em sua casa, já que os pais precisaram voltar ao trabalho.

Para muitas, assumir um compromisso desse tamanho significa abrir mão, mais uma vez, de si mesmas: de planos, do tempo livre e até da identidade construída na maturidade. Conforme os meses foram se passando, foi justamente isso que Tereza percebeu: “Deixei tudo o que era meu de lado

para dar conta do pequeno. Até que minha filha se deu conta e o colocou na escolinha. Foi a melhor coisa que ela fez por nós”, afirma, aliviada.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos entre a população britânica aponta que 14% dos avós já tiveram que reduzir suas horas de trabalho ou até se demitir para tomar conta dos netos — tendência que acaba atingindo muito mais as mulheres (19%) do que os homens (8%). “Quando pensamos em avós cuidadoras, imaginamos um cenário em que elas estão aposentadas ou fora do mercado de trabalho, mas nem sempre é assim. Por isso, nem tudo são flores: se por um lado os netos podem ser um grande aporte de afeto e companhia,

por outro, eles podem afastar as mulheres de seu ciclo social, interesses e desejos de investir no próprio futuro”, explica a psicóloga Magda Tartarotti.

RESSIGNIFICANDO PAPÉIS

Envelhecer, em 2025, já não significa desaparecer socialmente ou viver apenas em função dos filhos. Pelo contrário: pessoas que já passaram dos 60 estão cada vez mais ativas. “Voltar a estudar, se ocupar com atividades produtivas e viajar com as amigas se tornam possibilidades reais no cotidiano delas”, reflete Magda. “É um fator geracional que também tem a ver com o aumento da emancipação feminina — quer dizer, mulheres se importando mais com seu próprio bem-estar.”

No Brasil, a expectativa de vida das mulheres já beira os 80 anos. O que significa que muitas que se tornam avós aos 50 ainda têm mais três décadas de vida pela frente. O envelhecimento ativo, conceito defendido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ganha corpo nessa geração que vive mais, com mais acesso e mais consciência sobre seus direitos. “Vivemos em um sistema patriarcal que nos exige e nos explora. Por isso, a gente precisa transformar as relações com o trabalho, com os afetos, com a casa, com os filhos”, aponta Rosana. “A prioridade agora, quando tenho tempo livre, é cuidar de mim.”

E o estilo de vida das novas avós não têm a ver com falta de vínculo, apenas com fronteiras emocionais mais definidas — ainda que essa nova configuração por vezes venha acompanhada da famosa culpa “materna”. “No começo, quando ele foi para a escolinha, eu fiquei um pouco confusa porque parecia que a responsabilidade era minha. Meu marido não sentiu essa pressão. Aí eu repetia a mim mesma que ele não é meu filho”, comenta Tereza.

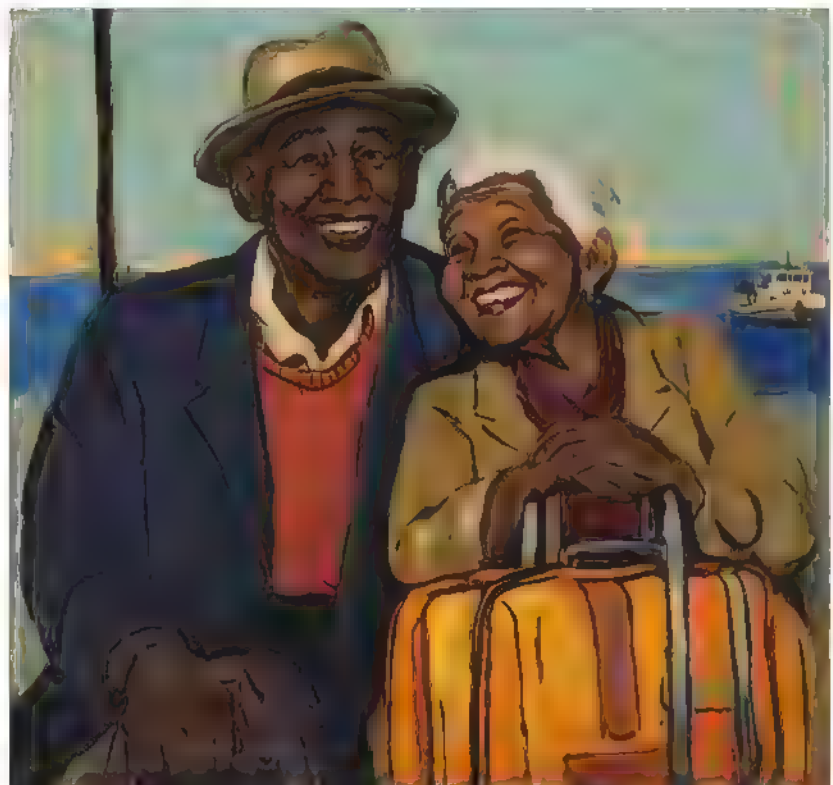
Rosana e Tereza concordam em um ponto essencial da conexão com o outro: é preciso estar bem para viver um tempo de qualidade e conseguir dar toda a atenção requerida aos garotos. “O amor é tão grande que você quer estar inteira com seu neto. É uma fase tão intensa que você reaprende seus próprios limites”, conclui Tereza.

QUEM ESCOLHE O FUTURO?

Enquanto algumas mulheres conseguem estabelecer limites, outras não têm essa possibilidade. Em muitos contextos — especialmente em famílias de baixa

renda — a jornada da presença é inevitável. Um estudo da Universidade Federal do Triângulo Mineiro traçou o perfil dessas avós co-criadoras dos seus netos e revelou que a maioria é composta por aposentadas (67,3%) e com ensino fundamental incompleto (52,8%). A principal razão apontada para assumir essa função foi a impossibilidade dos pais pararem de trabalhar. Esse cenário evidencia que a liberdade de dizer não ao amparo é, na verdade, um privilégio.

O papel da avó, como tantos outros atribuídos às mulheres, está em transformação. Em vez de repetir modelos prontos, muitas estão criando seus próprios caminhos, onde o cuidado pode existir sem anulação, e o amor, sem sobrecarga. Ao dizer “sim” a si mesmas, essas mulheres não deixam de ser avós — apenas se permitem ser mais do que isso. “Avós independentes deixam o legado de que usufruir da vida não tem idade”, conclui Magda. □



Só sei falar de amor



Liana Ferraz
(@lianaferraz) é escritora,
atriz e criadora do @escritamatinal

Eternidade com hora marcada

Quanto tempo tem 24 horas?

Foi isso que você me deu. Antes.
Isso foi antes, eu sei
24 horas ou 12 horas. Você vem
comigo um dia? Um dia só?

Eu não sabia o que dizer. Poderia
perder um dia todo ou perder um
dia só. Eu não sei quanto tempo
duram nossos dias. Eu não sei.
Disse sim e ganhei algumas horas
e eu ri tanto e contei tanto e fui
tanto tanto que precisei depois
me organizar com as outras tantas
horas, tantos dias, tantos beijos-não
Eu disse sim e perdi muitos dias
depois querendo saber se teríamos
mais 12 ou 24 ou 2 horas.

Nunca mais, então, eu disse. E esse
nunca mais durou um mês. Foi
aparecer de novo alguma ponta

de vontade e eu virei um para sempre.
Para sempre, então, eu disse
E esse para sempre durou 3 dias.

Se viesse de você qualquer uma
dessas pontas, para sempre ou
nunca mais, estaria agora numa
rodoviária qualquer vestindo uma
peruca loira e óculos escuros,
tipo noiva em fuga ou algum desses
filmes em que se foge muito e com
muita pressa. Não suporto para
sempre. Não aguento nunca mais.
Isso tudo porque não suporto
mentira. Quanta mentira no
sempre. Quanta mentira no nunca.

Acontece que finjo bem. E quero
fazer caber um para sempre dentro
da hora em que passamos. Pode ser?
Eu me abro fácil em eternidades
com hora marcada. É assim que
funcionam meus ciclos. Sou feliz

assim. A não ser quando sou triste
Porque também enfio nunca mais
em dois dias de saudades. Eu queria
que você se lembrasse de que sou
poeta. E que é material de trabalho
esse balanço, essa gangorra. Você
que tanto sabe do balanço e das
ondas, consegue ver que faço isso
comigo? Que sou meu próprio mar?
Eu surfo em mim, navego no que
sonho, afogo e ressuscito nas
invenções de tudo o que segue o
relógio das marés ou das palavras.
Consegue ver?
E se a gente tentar ser meio relógio,
meio bússola? Meio mar e meio
navio? Meio palavra e meio corpo?
Só por enquanto. Esse enquanto,
para sempre. Esse enquanto,
nunca mais.

(aproximo agora meu rosto do seu
peito e durmo todas as perguntas).

CLAUDIA

atualidade
& futuros



Por inteiro

CLAUDIA OHANA DESAFIA
ESTEREÓTIPOS, REAFIRMA SUA
IDENTIDADE E SE REINVENTA
CONSTANTEMENTE AOS 62 ANOS

Foto: Maria Magalhães

DINHEIRO REAL

Os conselhos financeiros que ignoram por completo a realidade das mulheres

ANÁLISE

Em novo livro, Vera Iaconelli defende o desejo como caminho de reconstrução

REDES DE ÓDIO

Organizados e camuflados, os discursos misóginos ganham força na internet

SEAVIE

Center Office

DIREÇÃO DE ARTE KAREEN SAYUMI

Coordenação do Instituto Petróleo e Gás, Produção de modo Delinear, Gomes, Pedro Delinear e Kisy Cordeiro

ines249



Vestido de tule preto:
Mixed; Hot pants:
Adriana Degreas;
e Pulseira: **Formas**.

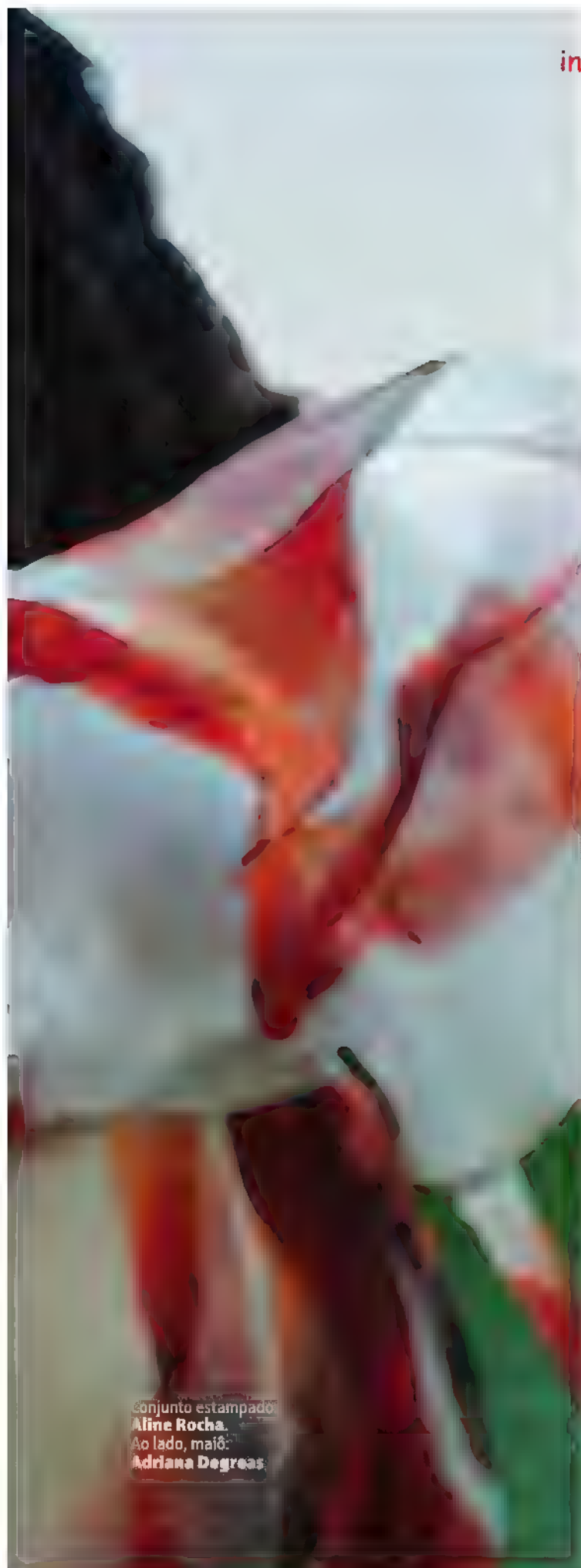
Seis anos foi o tempo que tiveram juntas. Do encontro com a mãe biológica

até o último dia em que a viu, a menina não esperava um convívio tão breve. Criada até os 9 anos pelos tios, a quem chamava de pais, nunca suspeitou que era filha da primeira montadora de cinema do Brasil. Mas, a partir da descoberta de sua origem, seu destino tomaria outro rumo. A história parece enredo de novela, mas é parte real da vida de Claudia Ohana e de sua mãe, Nazareth Ohana

Ao contrário das tramas de ficção, porém, a revelação sobre a sua família não foi dramática. “Fiquei feliz de ter duas mães”, lembra Claudia. A atriz deixou Niterói, no Rio de Janeiro, ao lado da irmã, para viver com Nazareth na capital fluminense — e ali teve uma infância nada ortodoxa. Tomava banhos de mar nua com a mãe e seus amigos, aprendeu a tocar violão, descobriu o cinema e foi criada para ser independente, tudo embalado por uma trilha sonora que ia de The Beatles a Chico Buarque. “Minha mãe era livre e me deixava muito solta. Ela me deu uma liberdade que me preparou para a vida”, conta.

Mas essa autonomia tinha seus limites. Quando Claudia foi aprovada para atuar na TV Globo ainda criança, Nazareth proibiu que seguisse com a ideia. “Ela permitia quase tudo, mas não me deixava ser atriz mirim. Fiquei chateada na época, mas hoje entendo. É complicado para uma criança entrar na televisão, porque ela se torna diferente das outras.”





Conjunto estampado
Aline Rocha.
Ao lado, maiô:
Adriana Degreas.



Claudia Ohana viveu com a mãe biológica até os 15 anos, quando Nazareth faleceu em um acidente de carro. "Supero que minha mãe tenha morrido, mas não supero o que isso me trouxe. A morte, para uma criança, é abandono, e isso deixa consequências", reflete. Medo da perda, inseguranças e fobias são algumas das cicatrizes que carrega desde então. Mas não são as únicas. "O mundo é dividido entre ansiosos e deprimidos, eu sou ansiosa", comenta. O retrato mais claro dessa ansiedade veio na forma da nosofobia, um medo irracional e excessivo de contrair doenças, que chegou a tal ponto que Claudia já não conseguia distinguir sintomas reais de sensações criadas pela própria mente.

A ansiedade, porém, nunca a impediu de dar vida a personagens inesquecíveis da teledramaturgia brasileira, fazer sucesso no cinema e no teatro, ter uma filha e dois netos, viver grandes amores, e se tornar uma das mais importantes vozes no combate ao etarismo.

Vejo agora que as mulheres se incomodam muito por esse olhar masculino, e eu não me incomodava. Mas também não fazia algo pensando em agradar aos homens

*

DO NOBEL À VAMPIRA

Chegar ao sucesso não foi simples. Antes de estourar, a atriz costumava pegar listas de filmes em produção e ligar para todos os responsáveis em busca de uma oportunidade. “Nunca pensei em desistir, não existia essa possibilidade para mim, porque o trabalho me deu a âncora do meu barco, foi a minha raiz.”

Ainda aos 15 anos, estreou no cinema com o longa *Amor e Traição* e, depois, fez pequenas participações na TV Globo como em *Obrigado, Doutor* e *Amazade Colorida*. Quatro anos depois, em 1982, conquistou um marco ao atuar no filme *Erêndira* (1983), com roteiro de Gabriel García Márquez, autor de *Cem Anos de Solidão*, que inclusive participou das filmagens. Curiosamente, Ohana chegou ao México para fazer o trabalho um dia antes de o escritor ser anunciado como vencedor do Prêmio Nobel de Literatura.

“Mudou tudo nas filmagens, havia uma multidão em volta dele. E a gente não se dava bem, porque eu não aguentava todo mundo puxando o saco do Gabo. Além disso, mesmo sabendo outras línguas, ele só gostava de falar em espanhol, e eu queria falar em italiano. Era uma típica adolescente rebelde”, diz a artista, que domina cinco idiomas. Mais tarde, voltaram a trabalhar juntos e criaram uma boa relação. “Ele veio ao Brasil acompanhar as filmagens e nos demos bem. Passei a ler tudo dele. Raramente se conhece um gênio, e ele era um.”

Quem a alçou ao sucesso, porém, foi a novela *Treta* (1989), inspirada no livro de Jorge Amado. A atriz ficou conhecida pelo grande público após interpretar a protagonista na primeira fase da novela. Numa das cenas mais marcantes de sua carreira, é flagrada pelo pai em um momento íntimo, humilhada em praça pública e expulsa da cidade fictícia de Santana do Agreste. Mas, se uma história tão humana a revelou ao mundo, foi a trajetória de um ser sobrenatural que a tornou querida pelos espectadores.

Em 1991, ela deu vida a Natasha, a vampira e estrela do rock da novela *Vamp*, um fenômeno do horário das sete que chegou a marcar 70 pontos de audiência (hoje o número costuma ficar abaixo dos 30). Claudia se tornou um fenômeno. Na época, morava em um apartamento térreo no Rio de Janeiro, e precisava escapar das pessoas que iam bater na sua janela e quando ia ao supermercado ou ao banco. “Sempre me vi como uma trabalhadora e nunca corri atrás da fama, mas de um bom trabalho. Não me defino pelo sucesso, nem pelo fracasso, e sim pela minha história”, diz

SINAL DOS TEMPOS

Ainda que não corresse atrás da fama, o sucesso a encontrava. Um de seus papéis mais marcantes foi o da vilã de *A Próxima Vítima* (1995), que provocou reações intensas no público, e também marcou uma época em que a agressão contra as mulheres ainda era relativizada. “O Brasil parou para ver Isabela sendo espancada na escadaria. A princípio, sua família a achava uma boa pessoa. Depois, por ter traído o namorado, merecia apanhar. Será que merecia? Ainda há uma cena em que ela é esfaqueada, e isso depois do caso Ângela Diniz.”

O caso mencionado pela atriz é o do assassinato da socialite Ângela Diniz, morta pelo namorado, Doca Street, em 1976. No julgamento, o advogado Evandro Lins e Silva usou a tese de legítima defesa da honra para defender o cliente. A tese dizia que um homem poderia matar

Res249

Camisa e calça:
Osklen; arrai:
Paola Vilas

Capa



A full-length photograph of Claudia Ohana standing on a balcony with a blue railing. She is wearing a long, sleeveless, red dress with a textured, possibly sequined or beaded, pattern. Her long, dark, wavy hair is styled down. She is looking directly at the camera with a neutral expression. The background is a soft-focus view of a body of water and a distant shoreline under a clear sky.

a esposa ou namorada em caso de traição. Ele foi condenado a dois anos de reclusão, mas, como já tinha cumprido mais de um terço da pena antes da condenação, saiu do tribunal pela porta da frente, aplaudido pela multidão que acompanhou o julgamento. Depois do movimento "quem ama não mata", a promotoria entrou com outro processo, que levou à prisão de Doca Street em regime fechado por três anos e meio

"Hoje, acho que nem deixariam essa novela passar, mas ela mostra bem o que significava a violência contra a mulher naquela época", diz Claudia. A gravação das cenas a desgastava muito. "Me dava muita dor de cabeça e acabavam me machucando", lembra. "Eu gosto do desafio, mas é diferente o desafio do que é uma cena onde você é espancada e te machucam"

A vontade de superar os limites, porém, persiste em Claudia. Basta que alguém lhe diga que não é capaz de fazer algo, para que ela seja tomada pela vontade de provar que pode. Para este ensaio de CLAUDIA, a xará da revista não pediu uma única pausa entre as fotos — trocava de look em minutos, fazia questão de saltar, agachar e se equilibrar nos parapeitos à beira-mar, ao longo das seis horas de duração da sessão. "Quero mostrar que eu posso e quero que as pessoas se surpreendam comigo, porque quero ser extraordinária."

O OLHAR DO HOMEM

Claudia Ohana estourou em uma época em que o sucesso levava jovens atrizes à capa de uma outra revista, porém: a extinta Playboy, que trazia ensaios nus de suas estrelas. Ela estampou a edição de fevereiro de 1985, em troca de apenas US\$ 5 mil, valor muito abaixo do que costumava ser pago. A capa fazia parte da divulgação do filme *Erêndira*. Junto com o papel em *Vamp*, o ensaio da Playboy se tornou outro grande marco de sua carreira

ines249

Blazer: By HV
cakra: Mixed; e
not: Paola Villas

*

*Quero mostrar que eu posso e quero que as pessoas
se surpreendam comigo, porque quero ser extraordinária*



*

*É importante que as
mulheres na minha idade
façam que têm desejo,
que podem tudo.
Envelhecer é incrível,
você nasce envelhecendo,
mas quando a palavra
'velha' é usada para
agredir, há um problema*

A atriz precisou lidar com o peso de ser considerada símbolo sexual numa época em que o discurso sobre consentimento era outro. “Sofria assédios em qualquer lugar, desde muito nova. Era chato ser assediada por um diretor, por exemplo, estando numa posição de atriz, mas tive que aprender a lidar com isso.” Por outro lado, a artista também tinha uma visão diferente sobre o constante olhar masculino. “Vejo agora que as mulheres se incomodam muito por esse olhar masculino, e eu não me incomodava. Mas também não fazia algo pensando em agradar aos homens.”

Claudia Ohana se tornou mãe aos 20 anos. Sua filha, Dandara, é fruto do relacionamento com o diretor Ruy Guerra, que tinha 52 anos na época. “Olhando para trás, acho uma loucura, uma diferença absurda, mas na época a gente achava que era igual. Eu era muito nova para ter um filho; o Ruy era um homem muito mais velho e isso me dava segurança. Ele também gostava de brincar, era muito criança, e isso me acolhia, não existia isso de ‘ó grande mestre muito mais velho’. Acho que cresci muito sendo mãe, cresci muito junto com a minha filha.”

Quando terminaram o relacionamento, em 1984, continuaram com uma forte ligação. Não era incomum a atriz dormir junto com Ruy, Dandara e Janaína, filha do ex-parceiro, em uma cama enorme. “Ele era uma âncora para mim, sempre foi”, diz ela. Dandara escolheu a mesma profissão da mãe, e deu a Claudia seus dois netos: Martim e Arvo.

Depois de Ruy, a atriz viveu outros amores. “Acredito no amor, mas confesso que tenho dificuldade de construir, porque não suporto DR [discussão de relacionamento]. Acho que sou imatura emocionalmente, e tento amadurecer, porque é bonito evoluir.”

MULHER DESEJANTE

Hoje em dia, Claudia Ohana é uma das figuras mais atuantes na luta contra o etarismo — não necessariamente por opção. “A vida foi me levando a me posicionar, porque as pessoas colocam a gente em caixas. Se você tem 60, aparece a imagem do idoso com uma bengalinha. Isso é tão longe de mim que eu tive que me colocar. É importante que as mulheres na minha idade façam que têm desejo, que podem tudo. Envelhecer é incrível, você nasce envelhecendo, mas quando a palavra ‘velha’ é usada para agredir, há um problema.”

Aos 62 anos, ela se reinventa o tempo inteiro. Erra, aprende e continua fazendo seu trabalho. “Não sou perfeita, preciso melhorar em tantas áreas. E não me acho incrível e maravilhosa, só às vezes. Um dia eu falo ‘nossa, como eu sou inteligente’ e no outro eu digo ‘nossa, como eu sou qualquer nota, como sou medíocre’. As pessoas acham — não sei por que, sou uma mulher de 1,60 m — que sou forte, segura. Eu sou isso, mas também sou insegura e cagona.” Recentemente, a atriz voltou aos palcos com a peça *Tôc Tôc*, fez uma participação na novela *Vale Tudo*, interpretando a si mesma em uma campanha fictícia voltada ao público 60+, e compartilha seus pensamentos, hábitos de vida e projetos com os seus 1,2 milhão de seguidores do Instagram, espaço que também se tornou ambiente de trabalho para a artista. A maturidade está tornando-a cada vez mais próxima de seu desejo. “Não estou mais preocupada em dizer ‘olha, eu sou inteligente; olha, sou boa atriz’”. Isso o Brasil já sabe faz tempo. □



Vestido:
Anselmi,
e brincos:
Paola Vilas

Oferecimento de **btg**pactual

An illustration of a woman with blonde hair, wearing a white dress with red floral patterns, standing inside a large, ornate golden birdcage. Two green parrots with yellow beaks are perched on the cage's bars. The background is a clear blue sky. The title 'CONSELHOS IGNORÁVEIS' is written in large, bold, black serif capital letters across the lower part of the image.

CONSELHOS IGNORÁVEIS

(para a autonomia financeira feminina)

Talvez só quem já tenha passado perrengue com boleto poderia reconhecer conselhos financeiramente ignoráveis. Outras vezes, é só o ranço mesmo de ouvir, incontáveis vezes, alertas inócuos. Parecem importantes e até chiques, mas na prática não ajudam em nada, são descolados da realidade individual. É como aquela dica “você precisa investir em você” dito por alguém que nunca precisou escolher entre pagar uma conta ou... pagar outra conta.

Leio e escuto conselhos como esse o tempo inteiro, de colegas a influenciadoras. “Faça uma reserva de emergência”, “invista o seu dinheiro”, “não dependa de ninguém”, “moneitize o seu talento”, “você precisa ter múltiplas fontes de renda”. As frases têm a energia de um mantra moderno, aparecem na minha mente até quando estou no meu tapetinho de yoga tentando me livrar de pensamentos sugestionáveis. Circulam pelas redes sociais com fonte elegante e fundo pastel, como se fossem lembretes amorosos.

Todos os alertas até são verdadeiros, mas, em certos dias, soam como cobranças disfarçadas. Em vez de solução, trazem culpa. Os avisos se tornam cruéis quando ignoram a realidade de muitas das brasileiras: jornada tripla, salários achatados, informalidade, culpa materna, falta de tempo, medo da escassez, baixa autoestima. Convenhamos, nem toda mulher tem o luxo de pensar numa reserva. Algumas ainda estão tentando respirar.

Mesmo quem consegue respirar sem a ajuda de aparelhos pode ter uma pré-síncope ao escutar: “Você

precisa de uma planilha para identificar que o dinheiro gasto com lanche poderia servir para quitar um financiamento”. Claro! Só falta mesmo tempo, paciência e paz de espírito para preencher 42 colunas coloridas às 23h, depois de dar banho na criança, deixar a pia limpa e responder e-mails do chefe e do cliente.

Contém ironia e sigo com ela: “É só parar de tomar café na rua”. Ah, sim! Porque o rombo nas contas é causado exclusivamente por um



**A INDEPENDÊNCIA
FINANCEIRA VIROU
UMA ESPÉCIE DE
IDEAL INALCANÇÁVEL,
VENDIDA COMO SOLUÇÃO
UNIVERSAL PARA
OS NOSSOS MEDOS.
A VERDADE É QUE
O SISTEMA FINANCEIRO
FOI DESENHADO POR
E PARA HOMENS**

cappuccino de R\$ 15,00 Quem precisa de políticas públicas, equiparação salarial e creche quando se tem café coado em casa, não é mesmo?

A independência financeira virou uma espécie de ideal inalcançável, vendida como solução universal para os nossos medos. A verdade é que o sistema financeiro foi desenhado por e para homens. Está cheio de jargões, barreiras simbólicas e práticas que nos afastam. E a gente entra atrasada nesse jogo, sem manual, carregan-

do as marcas de séculos de exclusão econômica. Não é à toa que tantas de nós se sentem perdidas ou inseguras ao falar de dinheiro

Mas a boa notícia é que não estamos sós. Há uma revolução silenciosa acontecendo: mulheres se reunindo para estudar finanças, renegociar dívidas, criar negócios, compartilhar planilhas, trocar conselhos. Há força em cada grupo online que ensina como sair do vermelho, em cada curso gratuito que ensina a investir R\$ 50 ou R\$ 5 mil por mês.

Autonomia financeira, afinal, não nasce em planilhas. Ela se costura aos poucos, do nosso jeito, na entrelinha de cada escolha difícil. É processo, construção, espiral. Começa devagar, às vezes no cuidado em não parcelar aquela compra impulsiva que o algoritmo empurrou no fim do dia; em dizer “não” para um pedido do irmão para ser avalista, mesmo que isso custe algumas noites mal dormidas; em fazer um curso sobre organização e investimentos financeiros. □



Paola Carvalho
@paolajardimcarvalho
é jornalista especializada em
economia e finanças pessoais

ines249



Casa ABERTA

Em novo livro, a psicanalista **Vera Iaconelli** olha para a sua história familiar e analisa a própria vida

TEXTO LUIZA DESTRI FOTO GABI PORTUJO

Vera Iaconelli, que está lançando *Análise*, seu quinto livro, se diz "acostumadíssima" a dar entrevistas. Conhecida por suas colaborações na imprensa, pelas participações em podcasts e vídeos e pelos textos contundentes, a psicanalista, com palavras sempre seguras e certeiras, oferece insights sobre temas como a criação de filhos, a valorização da maternidade, a resignificação dos afetos, o processo de descoberta de si mesma em uma sociedade racista e desigual.

Desta vez, no entanto, há algo diferente. Vera recebeu a equipe de CLAUDIA assim que se mudou para a casa nova — espaço que simboliza um novo momento de sua vida, no qual, segundo ela, a desconstrução das ilusões abriu espaço para o surgimento de desejos genuínos. A metáfora, que ela comenta no livro e nesta conversa, tem dimen-

sões secretas. Na nova residência, os espaços são abertos, a luz intensa banha os cômodos e os ambientes são baseados na solidez do concreto e da madeira. Tudo remete para a consistência de um projeto, de um pensamento, capaz de iluminar e franquear caminhos.

Além disso, esta foi uma das primeiras vezes que colocou a própria vida em pauta, comentando a relação com a mãe e os irmãos, a violência doméstica vivida na infância, a vida dupla do pai, a maternidade e o divórcio. "Não é a mesma coisa afirmar, confessando a ansiedade de 'atrapalhar a toda' ao falar do livro, algo de que certamente você poderá discordar ao ler a entrevista. 'Mas está sendo muito importante tornar essa história pública, pois, para a psicanálise, uma forma de elaborar o trauma é dar-lhe sentido no laço social', diz contextualizando a necessidade íntima que a levou a abrir as portas de sua casa."

Em profundidade



No novo livro, você está abrindo pela primeira vez questões pessoais. Considerando que o analista em geral é bastante discreto na sua intimidade, como tem sido essa passagem para você? O psicanalista sempre esteve no espaço público, e alguns, como [Christian] Dunker e eu, estamos sempre transitando, pois entendemos que a psicanálise ajuda a gente a pensar a cultura. E, nesse trânsito, você acaba contando um pouco da sua vida. Mas *Análise* é um passo além. Expor a minha experiência pessoal, a partir da minha própria análise, é diferente do que eu fazia nos meus artigos da *Folha*, nos livros anteriores, ou nos podcasts. Na clínica, tem um corte muito importante: o psicanalista não está lá como um cidadão entre outros, e sim em uma posição muito específica de escuta.

Algumas pessoas chegam achando que vão bater um papo como se estivessem trocando uma ideia comigo em um podcast, mas logo percebem que não é assim. Tem gente que não volta.

Você menciona, no livro, o medo de ser tragada pela escrita. Esse medo surgiu só agora, com o ensaio autobiográfico? Eu nunca havia tido essa experiência nos outros livros, que partiam de uma escrita mais acadêmica, traduzida para leigos. Eu não tinha essa sensação de ser tragada. Mas, quando a escrita parte mais da experiência pessoal, de memórias pessoais, de reflexões da análise, aí há o risco de ser tragado pelo inconsciente mesmo, que é a fonte de onde se produz. Eu não sei como é para outros autores, mas para mim foi uma experiência brutal.

Isso fica claro quando você diz escrever enquanto ouve a reforma na casa vizinha, que é a casa onde vive agora. Então, se o contraponto à escrita era a estaca batendo na parede, não poderia haver muita delicadeza. Exatamente. A casa antiga foi inteiramente demolida, porque era muito sinistra, escura, toda fechada. Nós queríamos tudo aberto. E, quando demole, você não sabe qual estrutura ficará: se as paredes aguentam, se as colunas são fortes. Há essa sensação de pôr à prova a estrutura ao tirar coisas — como na análise, em que vamos vendo o que sobra. E, depois, o que fazemos com essa sobra? Não se pode viver em ruínas, em carne viva, para sempre. É preciso compor coisas, e essa composição se dá a partir do desejo. Com a construção da casa, eu vivi no real essa experiência, como uma metáfora.

Quando uma mulher consegue marcar seu desejo em primeiro lugar, e deixar um pouco de lado o marido, os filhos, as expectativas sociais, ela abre um espaço de imaginação



*

A gente não deveria nunca ter vergonha da família que a gente tem. É a nossa origem. Somos quem somos também pelas coisas ruins daquela família. E não existe família feliz

Você também comenta que a decisão de se mudar para a casa nova responde “a uma lógica que não se mostra fincada no bom senso”. O que isso diz sobre o papel do desejo na psicanálise? Somos movidos por desejos que não fazem muito sentido, mas os desejos nos movem. São esses paradoxos que a psicanálise aponta: há ilusões que a gente tem que saber que são ilusões, mas das quais a gente não pode prescindir. É muito louco saber que a gente é baseada em falsas premissas necessárias — desde que saibamos que são falsas. O bebê tem que acreditar que papai e mamãe resolvem tudo. Não é verdade, mas ele precisa acreditar nisso. E daí segue uma série de ilusões para a gente continuar viva

Entre várias passagens bonitas, há uma frase que diz: “Cada mulher que dá um passo em direção ao próprio desejo oferece uma chance para as demais”. Em que medida a relação que as mulheres mantêm com o desejo é um programa do seu trabalho? A demanda das mulheres, por incrível que pareça, com tanta transformação que a gente tem vivido, continua a mesma: sentem culpa por não serem mães suficientemente presentes, por não estarem com os filhos o tempo todo, e também sentem que perdem algo por estarem com eles tanto tempo.

Quando uma mulher consegue marcar seu desejo em primeiro lugar, e deixar um pouco de lado o marido, os filhos, as expectativas sociais, ela abre um espaço de imaginação. Um espaço para imaginar que é possível: é possível não ter filhos, é possível tê-los e abrir mão disso ou daquilo para cuidar deles ou abrir mão dos filhos para cuidar de outra coisa. Elas vão abrindo caminhos em que podem desejar, imaginar e realizar. Além disso, a gente marca os nossos filhos com essa escolha, embora a gente ache que devesse estar lá com eles o tempo todo

Sua família leu o livro? Mandei para meus irmãos, deixando claro que se tratava de uma versão, a minha versão. É uma ficção baseada em fatos, com personagens reais. Foi engraçado: meu irmão fez algumas correções de datas e nomes. Eu estava apreensiva, mas a gente não deveria nunca ter vergonha da família que a gente tem. É a nossa origem. Somos quem somos também pelas coisas ruins daquela família. E não existe família feliz. É disso que eu falo todo dia, é com isso que eu trabalho diariamente. Cada um tem a sua família, com perrengues, coisas ruins. Às vezes há coisas terríveis, mas tem algo que te constitui. São pessoas que às vezes tiveram coisas ainda muito piores do que aquilo que te ofereceram. Esse resgate, olhar para a geração anterior com dignidade, é algo que me interessa.

O que você acha que trouxe à tona para seus irmãos com essa escrita? Algumas coisas eram absolutamente óbvias, mas não nomeadas. E nomear é fundamental. Atendo pacientes que relatam violências domésticas como cenas banais: “Meu pai pegava o prato em que eu estava comendo e jogava na parede”. E eu pergunto: “Então você sofria violência doméstica?”. A nomeação do sofrimento dá reconhecimento social. Para mim, foi um grande alívio poder nomear algumas coisas importantes, como pai alcoólatra, violência doméstica, pai com duas famílias. Imagino que, para eles, poder ler isso com todas as letras também seja um alívio. São coisas que precisam ser ditas, se não, fica assim: “Ele é esquentado. Ele era tão genial que às vezes perdia a mão”. Não. Genialidade é uma coisa, violência é outra.

Em profundidade

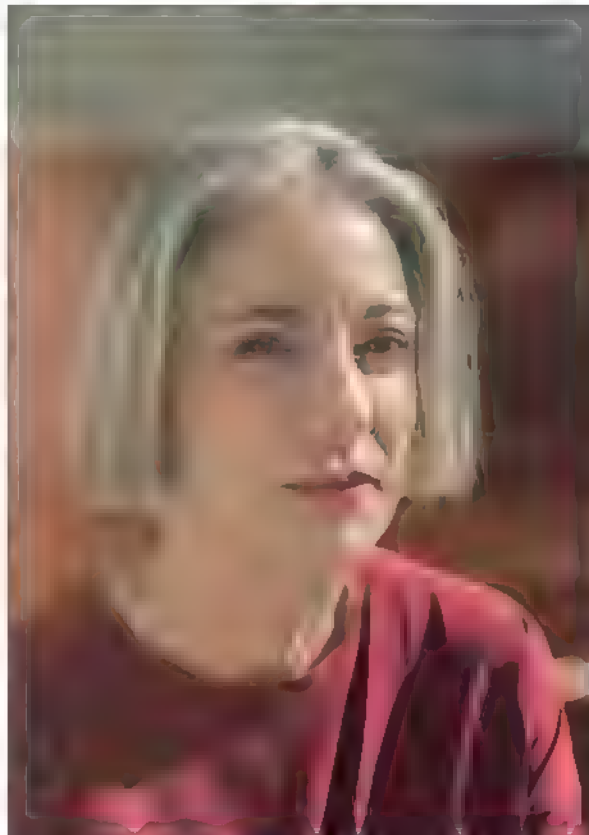
*

A nomeação do sofrimento dá reconhecimento social. Para mim, foi um grande alívio poder nomear algumas coisas importantes, como pai alcoólatra, violência doméstica, pai com duas famílias

Você relata no livro que, durante a menopausa, buscou ajuda psiquiátrica. Como foi esse processo? A menopausa foi superchocante. Eu sou uma pessoa muito saudável, muito agitada, e eu me sentia como se estivesse doente. Eu não entendia. Por mais que você leia, estude, ouça outras pessoas, nunca sabe como será com você. Quando acontece, você não reconhece. Fiquei ressentida com as limitações do corpo, com o envelhecimento mesmo. E isso virou uma depressão. Consultei uma psiquiatra e psicanalista maravilhosa que, além de me ouvir, me medicou de um jeito muito bacana. Fizemos um projeto de alguns meses de uso da medicação para ver se eu passava por essa fase. Não foi um tratamento a fundo perdido. Agora estou na pós-menopausa. Aquela fase já acabou. Tem uma vida que já não se compara à anterior. Não tem mais: “Ah, o que eu perdi”. É daqui para frente. É muito mais gratificante. Eu achava que não ia ter depois.

Você comenta que sua família traz histórias de mulheres que sobreviveram aos homens, inventando uma nova vida para si. Acredita que esse padrão de mulheres que sobrevivem aos homens termina com você? Vejo algo bonito na geração das minhas filhas, que têm 24 e 27 anos. Durante a adolescência, elas passaram por uma fase de “abaixo o amor”. Valorizavam mais os amigos, o prazer, a liberdade. Mas chegou uma hora em que quiseram uma relação mais longa — e fizeram escolhas muito lindas, por caras muito legais. Tem uma geração de meninos legais chegando. Não são muitos, mas vejo que é outro nível de conversa.

O amor é legal, mas vai junto. Vivem junto com os amigos, vão morar com os amigos, fazem planos de, na velhice, estar com os amigos. Eu acho isso muito precioso, esvaziar um pouco a idealização do amor romântico, dos casais. Acho que elas não vão precisar sobreviver aos homens. É claro que a violência está aí para elas também, gravíssima, o feminicídio e tudo mais — mas com esses homens anônimos, não com os homens que elas escolheram. Elas fazem escolhas mais legais. □



ines249



Análise,
Vera Iaconelli,
Companhia das
Letras, R\$ 69,90



Discursos de ódio às mulheres estão cada vez mais organizados (e camuflados) na internet, e podem alcançar até quem não está à procura deles

TEXTO HYSA CONRADO

ILUSTRAÇÃO KAREEN SAYJRI

“O lha na minha cara! Você não controla o que eu faço na minha vida, enfia isso na sua cabecinha de merda!” Jamie, um adolescente de 13 anos, grita essas palavras em direção à sua psicóloga depois de arremessar um copo de chocolate quente contra a parede e dar tapas na mesma. De pé, como se exigisse um certo tipo de subjugação através da demonstração da sua força, ele a encara de cima. Antes disso, no entanto, ria e conversava descontraidamente com ela, quase que num tom de flerte.

A cena faz parte da minissérie *Adolescência*, da Netflix, que tem como trama o suposto envolvimento de Jamie no assassinato de Katie, sua colega de escola. Desde a estreia, a produção deixou uma pergunta em aberto: de que maneira o conteúdo que os meninos consomem na internet impacta a forma como eles enxergam as mulheres?

Na história, a “machosfera” é apontada como o cerne de uma cultura de ódio que tem extrapolado o ambiente virtual e chegado cada vez mais rápido aos homens, não importa a idade, modificando suas relações sociais de afeto. Não é novidade que comunidades online têm o poder de mobilizar ressentimentos e desembocar em atos de violência e morte. CLAUDIA ouviu especialistas para entender como as mulheres são afetadas nesse caso.

ÓDIO NA VITRINE

A machosfera abriu espaço e se consolidou conforme a internet se integrava à vida cotidiana. É onde se reúnem diferentes grupos que, em comum, compartilham ideias que pregam o desprezo às mulheres, além de um certo ressentimento pelas conquistas da igualdade de gênero. “Nesses espaços, existe um pensamento de que à medida que os direitos das mulheres avançam, os direitos dos homens e a masculinidade se enfraquecem”, explica Bruna Camilo, doutora em sociologia pela PUC-Minas e pesquisadora de gênero, misoginia e extrema-direita.

A diferença, no entanto, é que 15 anos atrás era preciso ir até um fórum escondido na *deep* ou *dark web* — a parte da internet não indexada nos mecanismos de busca — para ter acesso à machosfera. Agora, basta entrar em uma rede social como o TikTok e o Instagram, ou mesmo em plataformas como o YouTube, para encontrar influenciadores e coaches que lucram com temas que desvalorizam as mulheres e condenam o feminismo abertamente.

“Antes, você tinha que procurar, havia camadas adicionais para encontrá-los. Quem participa desses fóruns tem uma linguagem muito específica e uma cultura de anonimato. Hoje em dia, tudo está aberto”, afirma a jornalista Marie Declercq, que há 10 anos acompanha subculturas da internet e já foi ameaçada diversas vezes por homens que compartilham os ideais da machosfera.

“Desprezo às mulheres e estímulo à insurgência masculina” é o tema que predomina na machosfera estabelecida no YouTube, segundo um levantamento divulgado pelo Observatório da Indústria da Desinformação e Violência de Gênero nas Plataformas Digitais, uma parceria entre o Ministério das Mulheres e o NetLab da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

De acordo com a análise, a partir de 2022 houve um aumento significativo de vídeos com narrativas masculinistas. Além disso, o levantamento também destaca que os conteúdos expressam aversão, desprezo, controle e ódio às mulheres, com comentários direcionados a grupos tratados como “as feministas”, “as mães solteiras” e “as mulheres mais velhas”. Dos canais que foram analisados, 80% contam com alguma estratégia de monetização.

Comportamento



“

NESSES ESPAÇOS, EXISTE UM PENSAMENTO DE QUE À MEDIDA QUE OS DIREITOS DAS MULHERES AVANÇAM, OS DIREITOS DOS HOMENS E A MASCULINIDADE SE ENFRAQUECEM

Bruna Camilo, doutora em sociologia pela PUC-Minas, pesquisadora de gênero, misoginia e extrema-direita

ALGORITMOS A FAVOR

Na minissérie da Netflix, a machosfera é introduzida na trama quando Jamie afirma ter sido chamado de “incel” por Katie após convidá-la para sair. O termo é uma abreviação de “involuntary celibates” (celibatários involuntários, na tradução do inglês), que dá nome ao grupo de homens que se veem condenados à solidão por consequência da rejeição das mulheres. Isso, por sua vez, os leva a alimentar sentimentos de frustração e raiva contra elas.

Esse episódio é tratado como o possível estopim que faz com que decida matá-la. O spoiler é que não há um desfecho claro sobre a motivação do assassinato, nem sobre o real envolvimento de Jamie, já que ele não confessa.

Nas redes sociais, o cenário é favorável para o crescimento desses grupos. A pesquisadora Bruna Camilo destaca que os algoritmos são responsáveis pela entrega de conteúdos misóginos para meninos, mesmo que eles não busquem por esses assuntos.

Os donos das Big Techs também não têm mostrado interesse pela fiscalização desses materiais. Em entrevista recente ao *Joe Rogan Experience*, podcast alinhado a ideias conservadoras, Mark Zuckerberg, CEO da Meta, responsável pelo Facebook, WhatsApp e Instagram, afirmou que sente falta de mais “energia masculina” no mundo. Ele também anunciou o fim do programa de checagem de fatos em suas redes.

É dessa forma que a machosfera tem se popularizado e deixado de lado o estigma de assunto relegado ao submundo da internet. “Você pode encontrar um cara no seu trabalho que fica assistindo a vídeos no TikTok sobre como as mulheres são interesseiras, e talvez ele nem se dê conta de que faz parte desse movimento”, afirma Marie

NA ADOLESCÊNCIA

As idades dos homens que compõem o grupo dos incels podem variar de 14 a 35 anos. A identificação começa, geralmente, na adolescência e se estende para a vida adulta. Na minissérie, Jamie afirma que não é um incel e que não faz parte de movimentos desse tipo, mas confessa que não se sente atraente e chega a mentir sobre as experiências sexuais que já teve, reforçando uma narrativa de rejeição.

É esse tipo de sentimento que torna os adolescentes um tipo de alvo fácil para os homens que se destacam com conteúdos nos diferentes grupos da machosfera. Na ponta do iceberg, os discursos aparecem de maneira sutil, muitas vezes revestidos com um certo tom de humor. “À medida que se entra na machosfera, os conteúdos se tornam mais radicais e as mulheres, cada vez mais posicionadas no alvo do inimigo”, explica a socióloga Bruna Camilo.

O relatório elaborado pelo NetLab da UFRJ ainda mostra que no YouTube há canais com conteúdos misóginos que encorajam violência psicológica ou moral contra mulheres. Além disso, também reforçam a degradação e desumanização das mulheres por meio de fortes críticas à aparência física.

“Esse modelo é extremamente doentio tanto para as mulheres que sofrem as violências, quanto para os próprios homens que são educados dentro dessa masculinidade. Não se trata aqui de vitimizar o homem, mas é necessário entender que ele também está envolvido nessa lógica. Tudo isso reflete na formação dos meninos e também nos discursos que chegam até eles”, afirma a pesquisadora.

PROCESSO OU BALA

Após ver uma série de conteúdos característicos da machosfera no YouTube e no Instagram, a atriz e humorista Livia La Gatto decidiu fazer um vídeo satirizando a postura de alguns influenciadores, principalmente os red pills (confira no dicionário ao lado) que se posicionam como coaches e vendem cursos masculinistas. Ela diz que, para montar o personagem, se inspirou em três nomes desse grupo.



PEQUENO DICIONÁRIO DA MACHOSFERA

INCEL
Do Inglês "involuntary celibates" ou celibatário involuntário: homem que se vê condenado à solidão e rejeição das mulheres, o que alimenta sentimentos de raiva contra elas.

RED PILL
Defendem que os homens são vítimas da misandria, isto é, vítimas de ódio, desprezo, injustiças e doutrinação por parte das mulheres, principalmente das feministas.

MGTOW (LÊ-SE "MIGTAU")
Sigla da frase em inglês que pode ser traduzida como "homens seguindo seu próprio caminho". Acreditam que o feminismo tornou o mundo um lugar dominado pelas mulheres e prejudicial para os homens. Defendem uma postura de autopreservação.

PICK UP ARTISTS (PUA)
Se dizem especializados em técnicas de sedução e estratégias de conquista, com foco na performance sexual dos homens e base na manipulação psicológica e no reforço de estereótipos sobre homens e mulheres.

Comportamento

EMOJIS CITADOS EM ADOLESCÊNCIA

PÍLULA VERMELHA

Representa a ideologia "red pill" e faz alusão à pílula usada para descobrir a verdade do mundo no filme *Matrix*.

FEIJÃO

Identifica membros da comunidade "incel".

EMOJI 100%

Faz referência à teoria dos 80/20, na qual 80% das mulheres se interessam apenas por 20% dos homens, reforçando a ideia de rejeição.

CORAÇÕES COLORIDOS

VERMELHO: Amor

ROXO: Desejo sexual

AMARELO:

Interesse mútuo

ROSA: Carinho sem intenção sexual

LARANJA:

Mensagem de consolo, como "vai ficar tudo bem".

O conteúdo viralizou e a repercussão despertou um enxame. O influenciador Thiago Schutz, conhecido como "Calvo do Campari", se sentiu particularmente atingido e exigiu que Livia apagasse o vídeo, fazendo uma série de ameaças e incitando seus seguidores contra ela.

"Ele falou: 'se você não tirar esse vídeo, ou é processo ou é bala'. Ele fez ameaças ainda mais absurdas e entre três e quatro da manhã tentou me ligar mais de dez vezes. Eram sempre ameaças de homens, até policiais, me difamando, dizendo que sabiam onde eu morava e me aconselhando a tomar cuidado quando andasse na rua, dizendo 'seus dias estão contados'", lembra Livia.

Depois disso, ela ficou três meses sem conseguir sair de casa, com medo de sofrer algum tipo de agressão na rua ou mesmo no seu condomínio, pois não havia como saber se algum dos seus vizinhos era um red pill. Até hoje ela sente que está sendo seguida.

"Minhas amigas se revezavam para dormir comigo. Eu sonhava algumas noites que eu recebia uma bala no peito. Então, além de trancar a porta, eu colocava uma cadeira na frente e outros móveis, para pelo menos acordar com o barulho", conta.

Livia não foi a primeira a produzir conteúdo desse tipo, mas se tornou alvo recorrente de perseguição e levou o caso à Justiça. No entanto, o pro-

“
QUANDO FALO
DE MACHOSFERA,
ESTOU FALANDO
DE UM ECOSISTEMA
ONDE AS PESSOAS
COMPARTILHAM
CRENÇAS MISÓGINAS,
ACREDITANDO
QUE AS MULHERES
DOMINAM O MUNDO

Marie Declercq, jornalista que há 10 anos acompanha subculturas da internet

cesso contra Thiago foi suspenso, mesmo após ele ter reconhecido as ameaças. "Nada aconteceu. Ele está livre, fazendo vídeos de ódio contra as mulheres e vendendo livros e cursos online. Está lucrando bastante", ela diz.

Em um vídeo recente publicado no seu Instagram, o influenciador afirma que "não entende o feminismo". "Tem mulher que é o seguinte: ela divide aquilo que é vantajoso para ela, o que não é o cara paga. Isso é uma parada que não entendo do feminismo, que bate tanto na tecla que de que homem e mulher são iguais. Até a hora que chega a conta", ele diz.

Para Marie, os influenciadores da machosfera criaram uma nova linguagem para reembalar a misoginia e o machismo, transformando-os em uma teoria. "Um ou outro influenciador são a primeira camada, apenas uma porta de entrada. Quando falo de machosfera, estou falando de um ecossistema onde as pessoas compartilham crenças misóginas, acreditando que as mulheres dominam o mundo", explica. □

CLAUDIA

lifestyle

Para restaurar

UM DELICIOSO MENU DE INVERNO
QUE CELEBRA A GASTRONOMIA
SUSTENTÁVEL E A COMPLEXIDADE
DOS VINHOS NATURAIS



CASA AUTÊNTICA

Na decoração do lar da influenciadora Maqui Nóbrega, originalidade é palavra de ordem

DOCE COMO MEL

Bianca Mirabili, uma das confeitadeiras mais talentosas do país, brilha com criações profundamente originais

Receber

DIRETO DA VÍ



A photograph of a dining table at Enoteca Saint VinSaint. In the foreground, there are three plates of food: a plate with fried items and green garnish on the left, a plate with a large fried item and a small round item on the right, and a central plate with a colorful salad of orange and yellow cubes, green herbs, and a grilled fish fillet. A glass of white wine is on the right. In the background, a person's hand is visible holding a glass of wine. The text is overlaid on the left side of the image.

Na **Enoteca Saint VinSaint**,
Lis Cereja transforma o vinho natural
em ferramenta de consciência,
fazendo da gastronomia um
sistema de regeneração

TEXTO MARINA MARQUES
FOTOS BRUNO GERALDI
EDIÇÃO DE ARTE CATARINA MOURA

Com um menu
orgânico e
vinhos naturais,
o restaurante
celebra 17 anos
de uma cozinha
composta por
ciclos fechados

Receber

Lis Cereja é uma figura rara no universo da gastronomia. Nutricionista, sommelière e cozinheira, ela construiu uma trajetória em que saúde, sabor e sustentabilidade não se excluem, mas se nutrem. O que conectou essas áreas, aparentemente tão distintas, foi o desejo de entender as coisas pela raiz. À frente da Enoteca Saint VinSaint, referência de vinhos naturais em São Paulo, a profissional criou um empreendimento que vai além do conceito comum de restaurante: é um ecossistema. Tudo ali parte de um ciclo, da horta ao prato, pensado para servir, informar e construir.

O fascínio pelo vinho chegou cedo. Crescida em uma casa repleta de livros — seus pais são professores de literatura —, Lis se interessava pela história dos alimentos desde adolescente. Por volta dos 14 anos já buscava entender o que havia por trás das bebidas (especialmente o vinho), das práticas agrícolas e dos rituais alimentares. Ao entrar na universidade, esse interesse se expandiu. Lis cursou Nutrição na USP e, em paralelo, Gastronomia na Anhembí Morumbi. A experiência foi reveladora: percebeu o abismo entre a teoria e a prática. “Eram dois pontos de vista completamente diferentes. Na nutrição, era aquela loucura técnica. Eu fazia iniciação científica, mas você nunca via o resultado final. E na gastronomia, tinha aquela coisa do ego exacerbado.” De um lado, a ciência dos nutrientes; do outro, uma gastronomia pouco preocupada com a origem dos insumos. “Era um mundo distópico: ninguém falava de agricultura”, analisa. Foi nesse período que teve suas primeiras aulas sobre enologia e o encantamento virou profissão: logo começou a trabalhar com vinho em empresas do setor.

Contudo, havia ali algo que parecia errado à sua percepção. Em todas as feiras, saía com sintomas físicos fortes: dor de cabeça, cansaço e as crises de asma se intensificavam. Só anos mais tarde ela descobriu que era alérgica ao SO₂ (conhecido como sulfito), conservante comum em vinhos convencionais. O ponto de virada veio por acaso, durante um jantar profissional. Após uma sequência de degustações, provou um champanhe e sentiu o corpo melhorar. “Achei que estava ficando alcoólatra”, ri de si mesma. “Comecei a beber e a sensação física era muito esquisita, era muito boa, fluida. Meu corpo ficou melhor do que quando eu tinha começado.” Era um champanhe biodinâmico do produtor francês Fleury. A reação se apresentou tão nítida que Lis foi atrás de entender o que havia ali — e assim um novo universo se apresentou para ela.

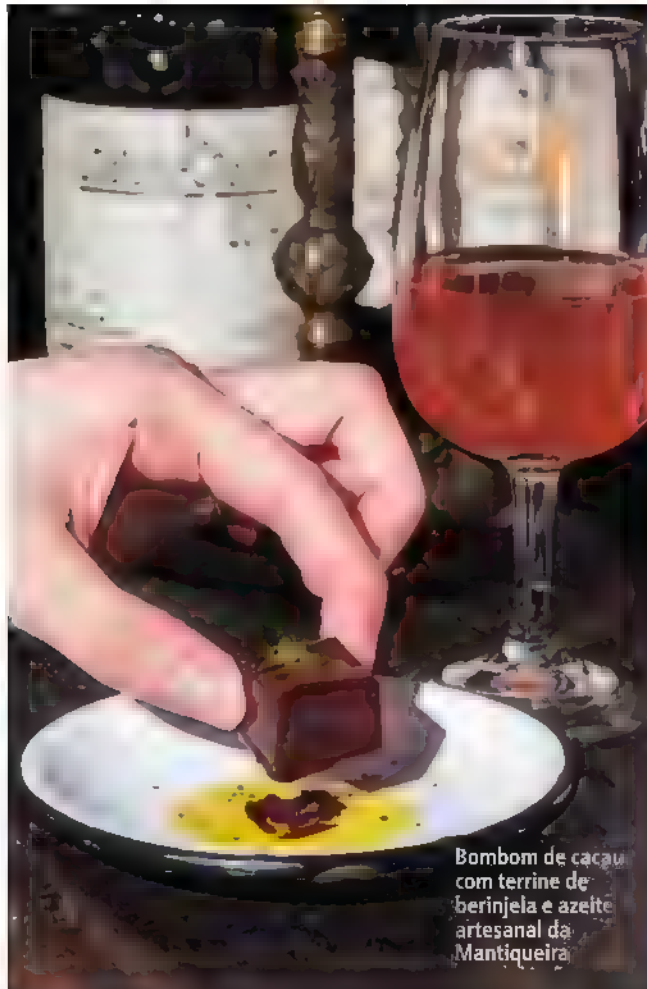


Aos 42 anos, Lis Cereja escolheu a vida dos vinhos naturais

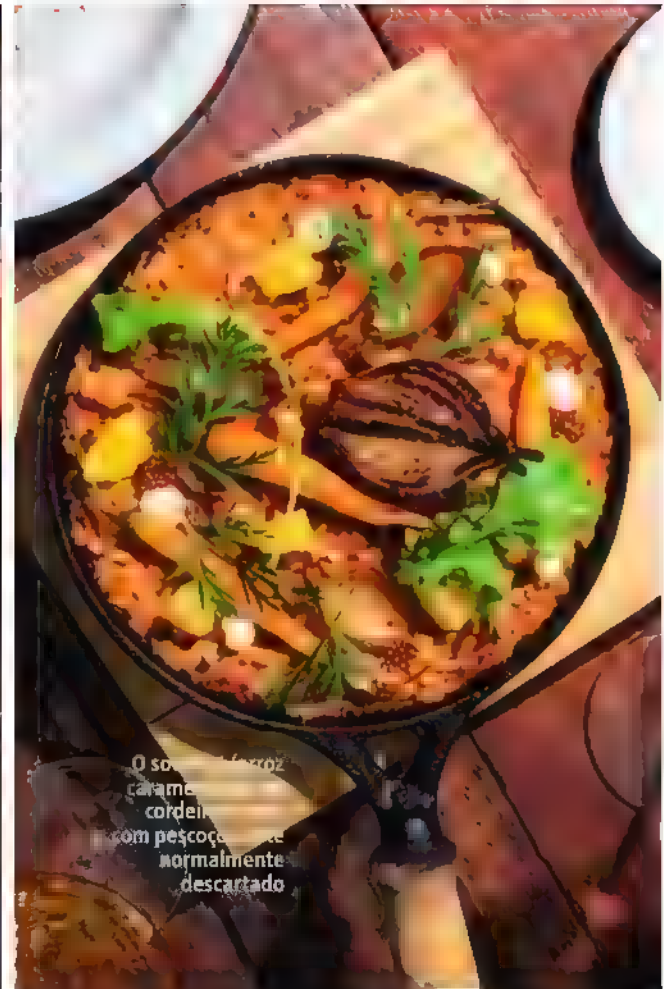


es249

*Ficamos boa parte da
história como a única
referência de quem queria
aprender sobre vinho natural*



Bombom de cacau com terrine de berinjela e azeite artesanal da Mantiqueira



O som de croz carame cordeiro com peçoço de normalmente descartado

Em 2008, aos 25 anos, decidiu abrir a Enoteca Saint VinSaint, sua casa dedicada à boa gastronomia e com um menu formado apenas por rótulos naturais, orgânicos e biodinâmicos. Abandonou um cargo estável e bem remunerado no setor de vinhos e lançou um restaurante onde pudesse unir o que até então parecia separado: saúde, sabor, agricultura, história e prazer. O termo “vinho natural” ainda era praticamente desconhecido no Brasil e, nos primeiros oito anos, a Enoteca foi o único estabelecimento do país a falar sobre o assunto. Desde o início, o espaço funcionou como centro de formação, servindo vinhos às cegas, explicando processos, apresentando sabores e desfazendo mitos. “A gente teve que criar o público”, explica. “Criar, ensinar e esperar que eles voltassem. As pessoas ainda vêm aqui para aprender o que é vinho

natural.” Lis, inclusive, lançou no ano passado a obra *Vinho Natural*, um guia que é resultado de quase duas décadas de estudos da autora. “Ficamos boa parte da história da Enoteca como a única referência de quem queria aprender sobre o assunto. Estamos nadando no meio do nada, tanto que eu tive que escrever o primeiro livro em língua portuguesa, não tinha nem material escrito! Digo isso sem orgulho nenhum, isso reflete como ainda estamos tão sem preparo.”

Em 2013, lançou a Feira Naturebas, que começou como um pequeno encontro e hoje é o maior evento de vinhos naturais da América Latina. O formato é simples e potente: os produtores vendem direto ao público, sem taxas ou comissões. “A gente nunca teve participação nas vendas. A feira é para a galera comprar direto”, explica. O impacto foi tão grande que mudou os

hábitos de consumo. “A partir do momento em que o público começou a entender que era melhor comprar de forma direta, nossas vendas caíram. Como restaurante, sofremos muito com o próprio conceito que a gente bancava.” Para ela, porém, era um sinal de missão cumprida.

Mas seu projeto de vida não se limita à bebida, é também uma resposta à contradição que Lis percebia entre as teorias da nutrição e a prática da cozinha. A jovem empresária trouxe para seu restaurante pratos tecnicamente refinados e, ao mesmo tempo, baseados em ingredientes limpos, de origem conhecida, respeitando o tempo da natureza e o trabalho dos pequenos produtores. A Enoteca é guiada pelo conceito de ciclo fechado. Desde 2015, Lis vive em uma propriedade na Granja Viana, de onde vêm metade dos insumos do restaurante: hortaliças,

ines249

Receber

As pizzas de fermentação natural são feitas com grão espelta, como esta de queijo artesanal paulista, couve e ale cricante.



Receber

ines249

O mil-folhas
de mandioca
com béarnaise
de tucupi
apresenta toda
a complexidade
dessa raiz
brasileira



MIL-FOLHAS DE MANDIOCA

INGREDIENTES

- 1,6kg de mandioca pubada (receita em *claudia.abril.com.br*)
- 200g de manteiga fermentada derretida
- Sal a gosto

Para a béarnaise de tucupí

- 3 gemas de ovo
- 3 gotas de tucupí reduzido
- Sal a gosto
- 160g de manteiga derretida
- Queijo curado ralado fino
- Cascas de cebola secas para finalizar

MODO DE PREPARO

Corte a mandioca pubada no mandolim em fatias bem finas. Em uma forma untada com manteiga, coloque a primeira camada de lâminas de mandioca, pincele a manteiga por cima e acrescente outra camada de mandioca (assim sucessivamente até preencher toda a forma). Acrescente o sal entre as camadas de mandioca e manteiga. Cubra com papel alumínio e leve ao forno a 180°C por aproximadamente 45 minutos ou até a mandioca ficar completamente assada. Leve para a geladeira com um peso em cima da forma até esfriar (para que ela fique compactada e chegue em sua forma final). Reserve. Prepare a béarnaise de tucupí: Junte as gemas, o tucupí e o sal e leve ao fogo em banho-maria. Cozinhe batendo com um fouet até ficar homogêneo, retire do fogo e coloque a manteiga aos poucos. Continue batendo até obter um molho espesso. Reserve. Carbonize as cascas de cebola em uma frigideira. Deixe esfriar e passe em uma peneira. Acrescente sal a gosto. Desenforme o mil-folhas e corte em porções de 130g. Rale o queijo curado por cima. Na hora de servir, leve ao forno até dourar. Sirva com 20g de béarnaise de tucupí e cinzas de cebola



Biscoito de castanha com ricota de cabra, mel fermentado de rosas e creme de ervas medicinais

flores, leite de cabra e ovos. Todo o lixo da casa é separado e reaproveitado. Parte vira sabão e produtos de limpeza; outra parte alimenta os animais; o restante vira adubo. Esse sistema permite que o cardápio mude de acordo com o que a terra oferece, e a sazonalidade é levada a sério. O resultado é um menu que se transforma conforme o clima, o humor das plantas e as floradas espontâneas. “A cabra sente, a rúcula sente, as flores sentem”, relata com animação. Aliás, a Enoteca é, ainda hoje, um dos poucos restaurantes na América Latina a adotar um modelo de ciclo fechado.

A carta de vinhos também é sazonal. Já chegou a ter 500 rótulos, mas hoje é atualizada mensalmente, em diálogo com o calendário, o clima e os produtores parceiros — muitos ainda fora do circuito comercial. Quando um produtor precisa vender mais, sua presença aumenta na carta. A curadora também

leva em conta festas, sensações e harmonizações com os pratos do mês. “Às vezes, as maiores joias estão com uma galera que não consegue investir em marketing, ou que não consegue vir para São Paulo para fazer eventos”, comenta sobre seus fornecedores escolhidos a dedo.

Cada prato do cardápio é resultado de pesquisa. Um mil-folhas de mandioca pubada com béarnaise de tucupí envolve duas fermentações indígenas feitas do zero, dentro da cozinha. Os pães e pizzas são feitos com espelta, grão ancestral de difícil manuseio, mas mais leve e nutritivo que o trigo moderno. Já as manteigas, servidas com as fatias de pães de entradinha, mudam a cada solstício. “Quando a gente pensa no termo restaurante, o termo é restauração. Você tem que restaurar a pessoa de alguma maneira. Com arte, com comida, com informação, com medicina. Com vinho.” □

Indoor

ines249



A CASA É DELA

Designer e influenciadora, **Maqui Nóbrega** criou um lar com assinatura própria. Entre cores, quadros, uma banheira dos sonhos e vigas pintadas de neon, construiu um espaço onde tudo tem sentido

TEXTO MARINA MARQUES FOTOS MAYRA AZZI
EDIÇÃO DE ARTE CATARINA MOURA

A woman with short, vibrant pink hair is sitting on a bed, smiling at the camera. She is wearing a brown leopard-print sweater over a blue and white plaid shirt. The bed is covered with a red and white patterned blanket and has several large, colorful pillows: a red one, a blue one, and a large yellow one. To her right, a green cactus sits on a yellow surface. The background wall is white and decorated with several small, colorful framed pictures and a heart-shaped decoration. A large window with a dark frame is visible on the right side of the wall.

ines249

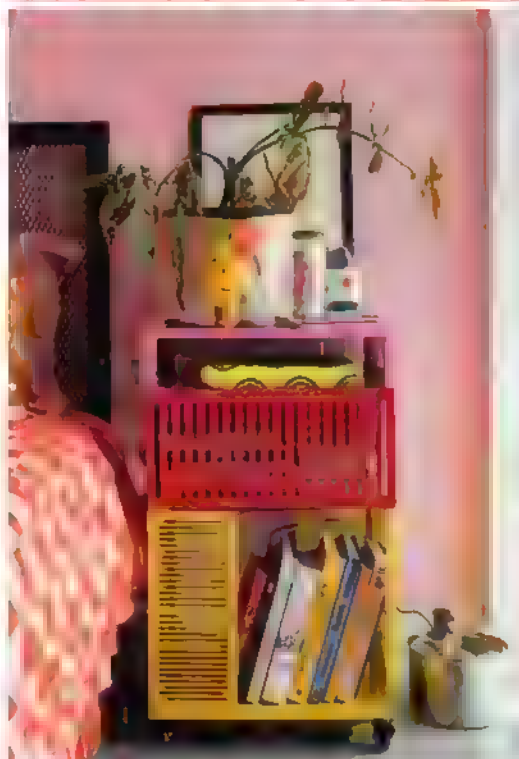
Criadora de conteúdo,
Maqui Nóbrega traz
para seu lar em
São Paulo pitadas
de sua visão de
mundo repleta de
cores e divertimento

Indoor

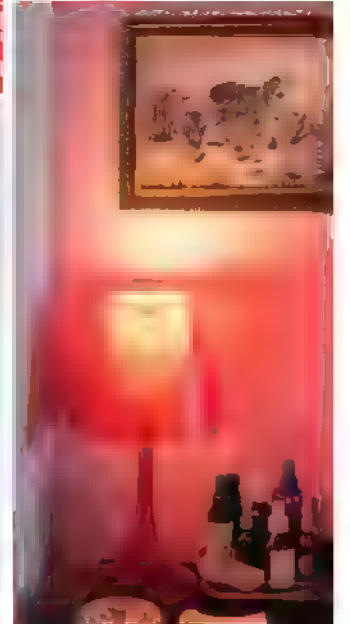
No apartamento de Maqui Nóbrega, tudo fala de pertencimento. Entrar em seu lar em São Paulo é se deparar com um universo particular que instantaneamente traz a sensação de encantamento. Cada pedacinho revela um pouco da personalidade da moradora: a mistura de cores intensas utilizadas com sabedoria, os objetos de design inusitados e o projeto arquitetônico pensado com criatividade só poderiam ser de alguém que conhece bem seu lugar no mundo.

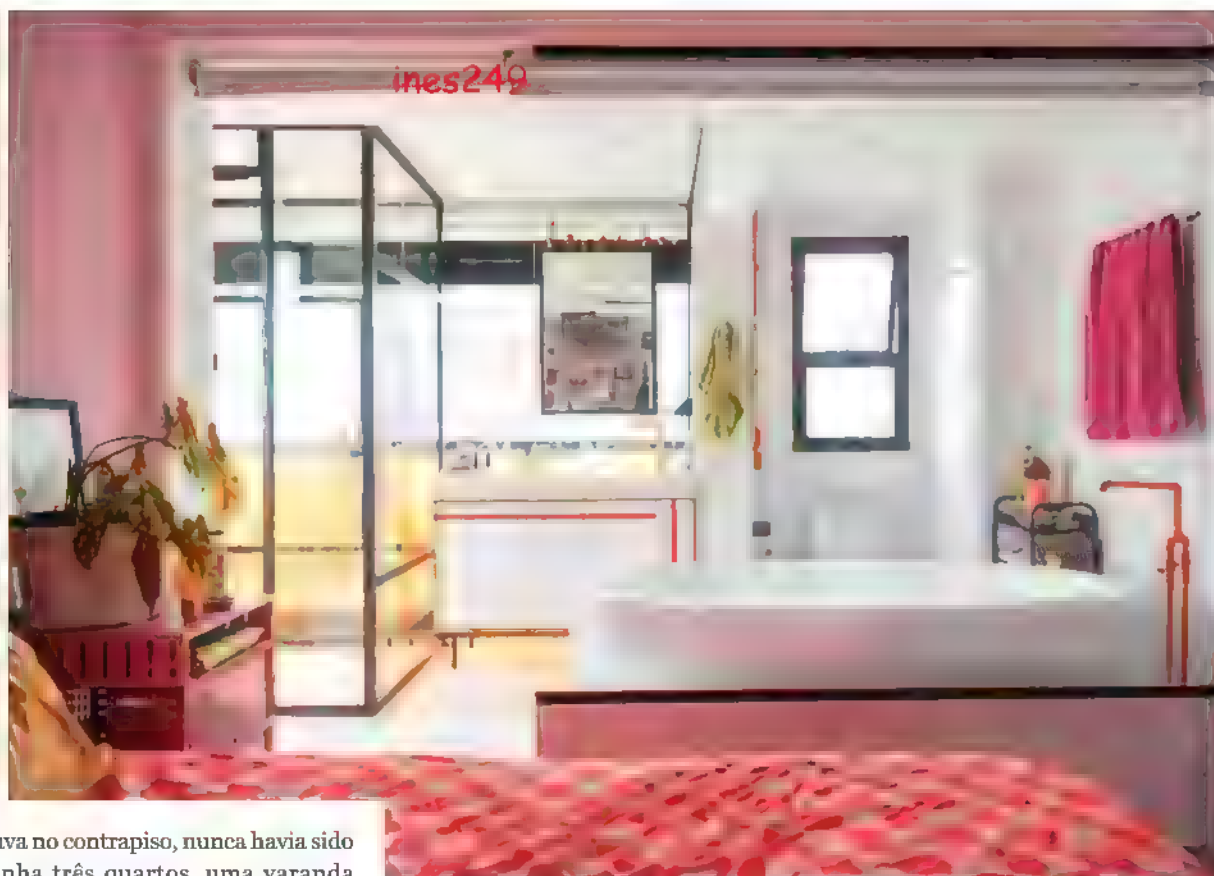
A influenciadora digital, que atuou por anos como designer em grandes publicações — a exemplo da revista *Capricho* —, é uma das vozes mais originais da internet quando o assunto é autenticidade, estilo de vida e liberdade estética. Por trás de uma presença marcante nas redes, onde fala sobre viagens, gastronomia e *body positivity*, está alguém com olhar apurado e uma forte conexão com tudo que a cerca. Durante anos, Maqui atuou nos bastidores de produções audiovisuais, principalmente ao lado da sócia, Karol Pinheiro, com quem hoje divide o canal *Yay Produções*. Mas foi na pandemia, sozinha em casa, que decidiu virar a câmera para si mesma. "O primeiro vídeo que postei foi um em que eu raspava o cabelo", relembra sobre a publicação feita num impulso. Nela, inclusive, Maqui diz que não sabia se iria voltar a gravar novos conteúdos. Pois, a partir daí, não parou mais.

Hoje, soma uma comunidade fiel que a acompanha não apenas pelas dicas e humor afiado, mas pela maneira de enxergar o mundo. Sua forma de viver se traduz em sua casa: um apartamento decorado com Legos, desenhos confeccionados por fãs e uma suíte dos sonhos. O espaço foi adquirido em 2021, e não veio de um sonho planejado, mas sim de forma quase intuitiva: o prédio era num bairro do qual gostava, sua melhor amiga morava ali e significava a oportunidade de começar uma casa do zero.



No quarto, a união de cores intensas e estampas dialoga e cria um ambiente aconchegante, repleto de referências pop



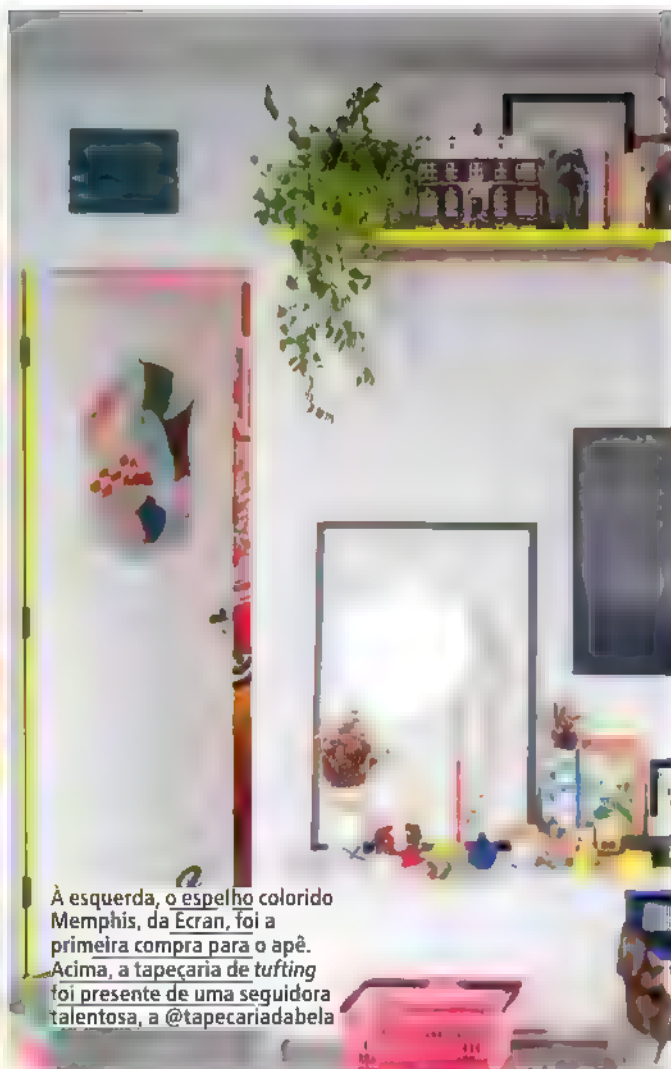


O imóvel estava no contrapiso, nunca havia sido habitado: tinha três quartos, uma varanda gourmet e muitas paredes divisórias. “Quando entrei pela primeira vez, nada me encantou aqui”, confessa, mas a futura moradora já era dona de uma imaginação fértil e foi logo esboçando como seria seu lar ideal. Um de seus desejos mais antigos guiou a decisão: queria, acima de tudo, uma banheira. “Eu era aquela pessoa que ia para um hotel só para usar a banheira, sabe?”, se diverte. Logo, chamou um engenheiro e ouviu dele que o sonho da banheira própria era possível, e assim fechou o negócio.

Maqui trouxe uma pasta cheia de referências para o arquiteto Henrique Diamantino, responsável pelo projeto, e uma condição: queria um espaço original, que não fosse reaproveitado de nenhum outro. “Se eu tiver te passando qualquer coisa que você já tenha feito em outro apartamento, você me avisa, que não vou querer mais fazer”, propôs ao profissional. Um dos pontos mais surpreendentes do imóvel, a suíte teve as paredes substituídas por divisórias de vidro — uma solução ousada que garantiu mais entrada de luz e uma vista da cidade. “Todo mundo sempre me pergunta: ‘Mas os vizinhos não te veem tomando banho?’ Cara, nunca ninguém falou nada”, dá risada. Depois de 16 anos passando perrengue num box apertado no antigo apartamento, Maqui queria algo amplo e confortável. Para ganhar mais espaço, a varanda gourmet do projeto original foi transformada em mais espaço de banho, que era prioridade para a moradora. Outra vontade sua foi a de



A antiga varanda deu espaço a uma suíte dos sonhos, com direito a banheira e divisórias de vidro



inserir cores neon em algumas paredes, mas o desafio apareceu ao tentar encontrar uma tinta que permitisse a ousadia. Na dificuldade em achar o tom, a solução foi recorrer à tinta automotiva para colorir as vigas da sala e alguns pontos estratégicos. “Acho o mercado brasileiro de decoração ainda muito careta. Eu queria uma torneira colorida, tive que pintar porque não existia. E também um banheiro inteiro de uma cor só, mas para achar um azulejo que funcionasse no chão e na parede foi muito difícil, porque não existe nada colorido. Tive que adaptar bastante as minhas referências iniciais.” Para Maqui, as cores sempre foram uma forma de expressar alegria: “Eu tenho fotos minhas, aos 15 anos, com as unhas pintadas de neon e sombra amarela no olho. Minha

mãe sempre me vestiu com muitas cores. Quando ela era mais jovem, se vestia bem colorida também. Não sei exatamente de onde vem isso, mas quando vejo cores me sinto bem. Claro, não gosto de me vestir inteira de uma cor vibrante, mas são toques. Eu olho esse amarelo e fico feliz instantaneamente, sabe? Me dá um negócio bom”, comenta ao admirar sua sala de estar.

A cozinha integrada foi desenhada para permitir que ela preparasse suas receitas olhando para a TV, conversando com as visitas e aproveitando seu espaço com os três pets: duas gatas, Riri e Tita, e um cachorro, o Cão (sim, esse é o nome dele). Apesar de pequena, a cozinha ganhou um ar divertido com a ilha de granilite. É ali que a YouTuber grava suas receitas e passa grande parte do seu tempo cozinhando, uma de suas atividades favoritas desde que se conhece por gente. Uma de suas produções de mais sucesso, inclusive, é o quadro “Sim, chef”, onde assume a cozinha de seus restaurantes favoritos para um dia de trabalho com as mãos na massa. Maqui já comandou as panelas com as chefs Paola Carosella e Renata Vanzetto, por exemplo.

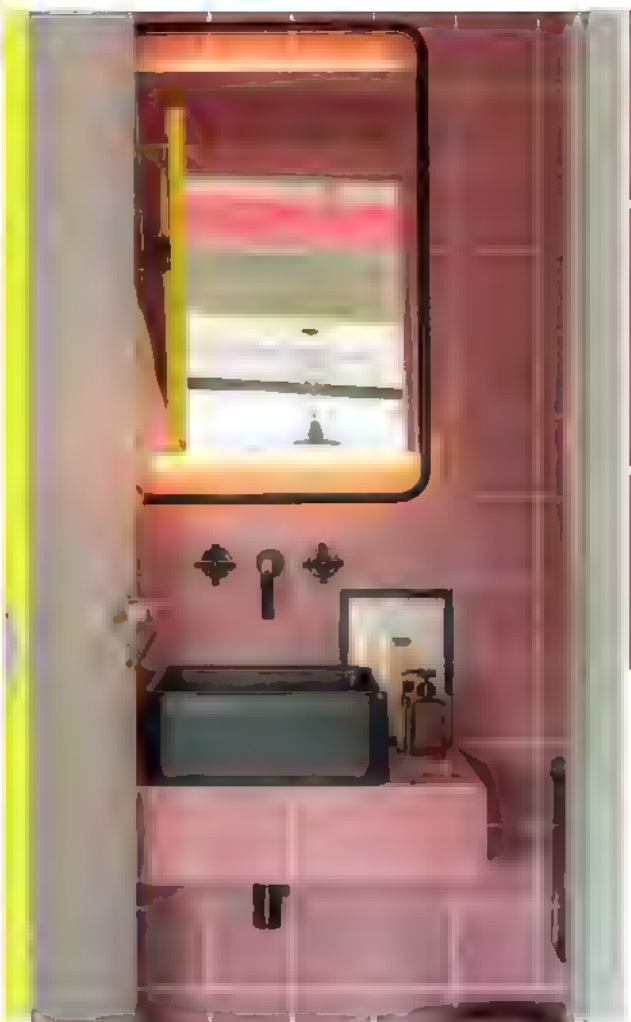
ines249

Indoor

Apaixonada por Legos, velas e paredes de pratos, a moradora cuidou de cada detalhe do décor. Ao lado, um espaço foi dedicado às boas memórias de família.

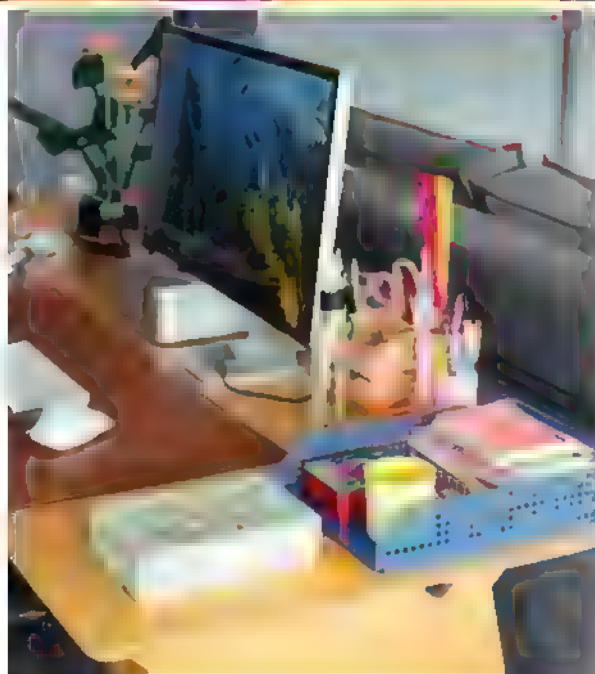
*

Eu olho esse amarelo e fico feliz instantaneamente, sabe? Me dá um negócio bom



Por fim, o processo inteiro da reforma foi leve, sem exigências excessivas. “Eu não sou perfeccionista, nem do tipo crica, sou desapegada. Só confiei e deu certo.” E foi assim que conquistou um espaço ainda mais personalizado do que sonhou. Tudo foi pensado para resultar numa casa onde a moradora

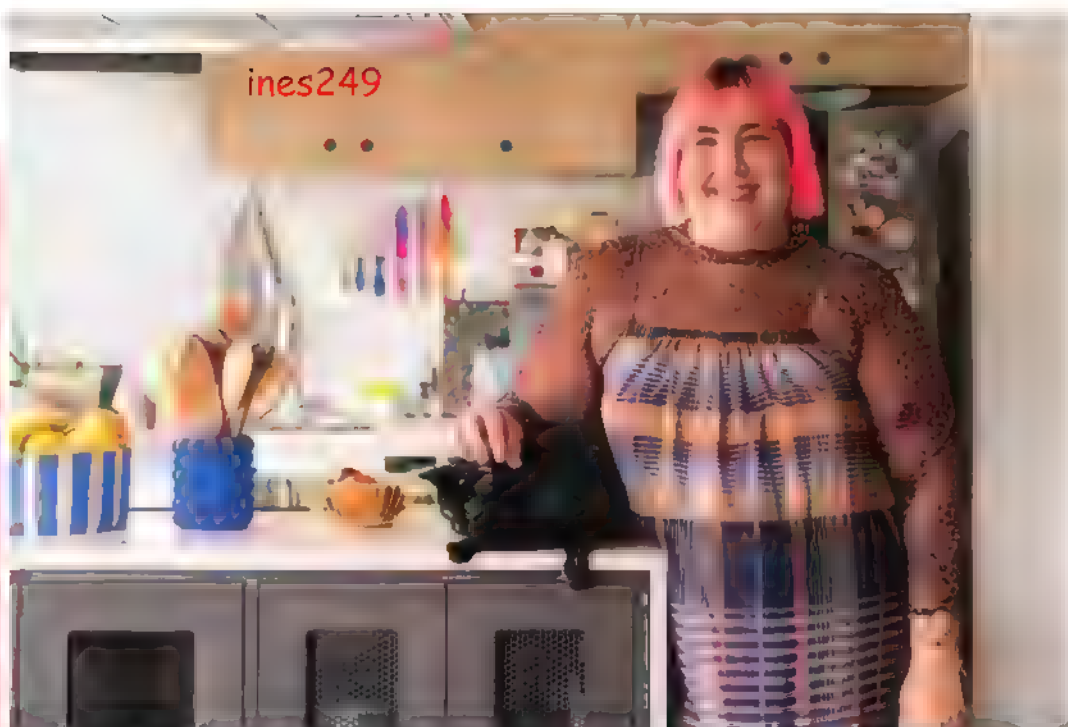
pudesse usufruir de sua própria companhia — recebendo visitas, é claro, mas que priorizasse a rotina de uma mulher que valoriza os momentos a sós. “Quando compartilhei minha reforma na internet, muita gente perguntava onde as visitas dormiriam, se não teria um quarto de hóspedes... E eu sempre respondi: ‘Gente, essa casa é minha. Eu estou construindo ela para mim. Se alguém vier dormir aqui, pô, dorme no sofá, vai dar um jeito’. Eu pensei em tudo muito para mim... E para os meus bichos, e é isso.” Hoje, mesmo com a rotina de viagens e gravações, Maqui enfatiza que não há lugar melhor no mundo. “Eu durmo em lugares incríveis, hotéis, mas não tem nada como chegar em casa, juro... A minha cama, sabe? Estou aqui há quatro anos, mas parece que estou a vida inteira.” Assim, a casa que ela desenhou com liberdade, carinho e criatividade virou extensão de quem ela é. □



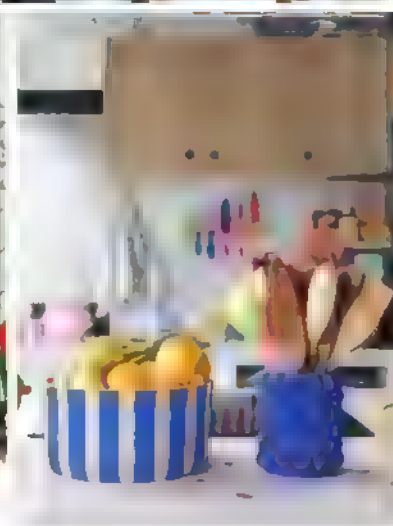
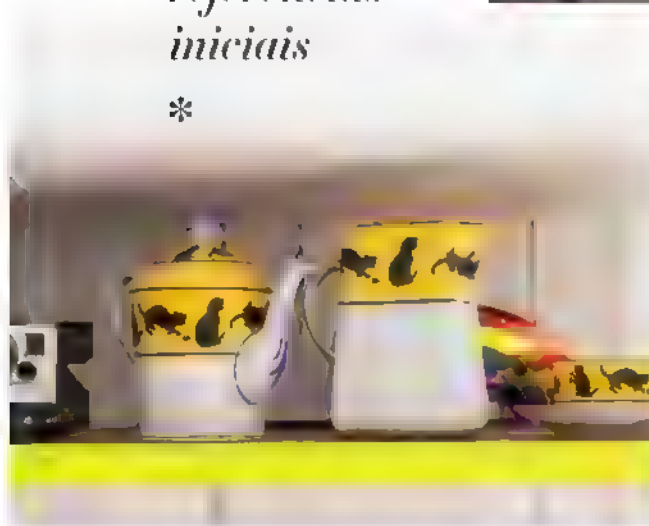


Acho o mercado brasileiro de decoração ainda muito careta. Tive que adaptar bastante as minhas referências iniciais

*



A cozinha é um dos pontos principais do lar: é ali que Maqui prepara suas receitas para as redes sociais e também para os amigos



Destino: DOÇURA

Bianca Mirabili, a talentosa chef de confeitaria do Evvai, em São Paulo, trabalha para que sua melhor criação seja sempre a próxima

TEXTO KARIN HLECK

Imagine a seguinte sobremesa. Um bolinho feito com cravo, canela e mel de mandaçaia (uma espécie de abelha do semi-árido baiano), banhado por um creme de *speculoos*, biscoito natalino de origem belga, que nessa versão é feito com mel de urucu (uma abelha um pouco maior, natural do litoral nordestino), coberto por uma bola de sorvete de mel de túbua (outra espécie, que se espalha pelo Pará e Maranhão), um *honeycomb* de mel de borá (levemente salgado, encontrado em colmeias escondidas em árvores ocas) e pincelado por um gel de mel de emerina (mais ácido, feito por outra abelha, de apenas 3 milímetros) — tudo isso salpicado com pólen. Pois foi essa sobremesa, inventada em 2019 por Bianca Mirabili, chef de confeitaria do premiado restaurante paulistano Evvai, que a confirmou como uma das grandes artesãs de sobremesas do Brasil.

Bianca tinha apenas 23 anos quando criou o Pão de Mel de Abelhas Nativas, o primeiro prato que lhe rendeu destaque na imprensa gastronômica. A sobremesa exemplifica o cuidado e o esmero trazidos pelo Evvai, comandado pelo chef Luiz Filipe Souza, que em 2025 repetiu as duas estrelas no Guia Michelin conquistadas em 2024, além do prêmio de melhor *sommelier* do Brasil para Marcelo Fonseca.

Bianca é literalmente cria do Evvai. Com exceção de dois curtos estágios em outras casas — Fasano e Salvatore Loi — fez toda sua carreira no endereço que mistura influências italianas a sabores brasileiros. Foi de estagiária a confeitaria e depois chef de confeitaria do Evvai em menos de um ano, um feito que, ironicamente, jamais se viu realizando. “A única certeza que eu tinha na minha vida era a de que não queria a confeitaria”, conta hoje, aos risos.

“
EU ACHAVA QUE
A CONFEITARIA ERA
UMA ÁREA MUITO
CERTINHA, COM
POUCO ESPAÇO PARA
O FEELING. EU NÃO
SABIA DE NADA, NÉ?”

LONGE DO CONFORTO

Nascida na Vila Matilde, Zona Leste de São Paulo, Bianca vem de uma típica família de ascendência italiana. Lembra com carinho dos domingos de sua infância, passados na cozinha da avó e da tia, em que todos se reuniam para preparar enormes travessas de lasanha e compota de berinjela. Aos 16 anos, teve sua primeira experiência profissional — ainda um tanto familiar. Começou a trabalhar depois da escola em uma confeitaria de bairro, de uma vizinha recém-formada em gastronomia, especializada em cupcakes e ovos de páscoa caseiros. Em troca de 10% do faturamento, Bianca ficava até tarde da noite ajudando a finalizar as encomendas.

Já na faculdade de gastronomia, quando passou a procurar seu primeiro estágio, incluiu a experiência com a vizinha no currículo e foi chamada pelo Pasano, justamente para a confeitaria. “Eu tinha um preconceito de que era uma área muito exata, muito certinha, com pouco espaço para o *feeling*”, diz. “Eu não sabia de nada, né? Tadinha.”

Depois do Pasano, estagiou no Salvatore Loi e, por fim, no Evvai. A chegada por lá também coincidiu com outros aprendizados. Bianca ganhou um carro de presente do pai na mesma semana em que foi convidada a cobrir as férias de uma confeitaria do restaurante. “Eu nunca tinha saído lá da Zona Leste dirigindo, atravessado a Radial, a Avenida Rebouças. Vim da ZL pensando: ‘tomara que eu não tenha que fazer baliza, tomara que eu não tenha que fazer baliza’”, lembra, gargalhando. Ao final de um mês de muito trabalho e quilômetros rodados, acabou contratada.

Foi no Evvai que ela entendeu que a confeitaria é, sim, uma área de profunda criatividade. Lá, criou um memorável *pirolé de foie gras* em 2017, além de invenções como o Coco-lífor, que unia coco fresco, couve-flor e chocolate branco, ou uma perfeita pamonhinha de milho verde servida com sorvete de baunilha do cerrado e caviar que estava no menu até junho deste ano. Suas criações são orientadas de perto por Luiz Filipe que, há três anos, acumula o papel de seu namorado, além do de chefe. “É muito bom trabalhar com o Luiz. Acho que muitas pessoas veem ele como alguém que nunca está satisfeito, mas eu sei que ele enxerga potencial nas pessoas. Ele nunca deixa você chegar na sua zona de conforto”, diz.



“
TEM SEMPRE UM
INGREDIENTE QUE É
TENDÊNCIA. MAS
ISSO NÃO ME
INTERESSA. SE ESTÁ
TODO MUNDO
USANDO, A GENTE
VAI BUSCAR OUTRO

Para o novo menu, que será apresentado agora em julho, Bianca promete novas aventuras, que incluem um picolé de pipoca e uma sobremesa cuja base é a mandioca. Como inspiração, usa o Instagram, livros, revistas — além de incontáveis testes na cozinha. “Tem sempre um ingrediente que é tendência, né? Já foi o pistache, agora é o gergelim. Mas isso não me interessa. Se está todo mundo usando, a gente vai justamente buscar outra coisa”, reflete.

O encantamento pelos meles, porém, jamais passou. “Para mim, não há nada igual à diversidade do mel. Ele tem *terroir*, tem fermentação, ninguém bota a mão nele. Se eu abrir um mel hoje, ele vai estar de um jeito, mas se eu abrir daqui a três semanas, vai estar ainda mais complexo”. Desde o divisor de águas que foi sua sobremesa de 2019, o produto vem sendo usado em todos os menus do Evvai — e, nesse novo, não vai ser diferente: o mel nativo deve dar as caras em uma entrada fria. “Eu sempre fico preocupada antes de um novo menu, fico ansiosa. Para mim, é muito importante que a pessoa encontre uma coisa mais interessante, divertida e gostosa do que antes. Ela pode até gostar mais de algo anterior, mas precisa sentir que houve uma evolução, sabe?”, explica. A depender da carreira meteórica de Bianca, podemos ter certeza que evolução é o que não falta. □

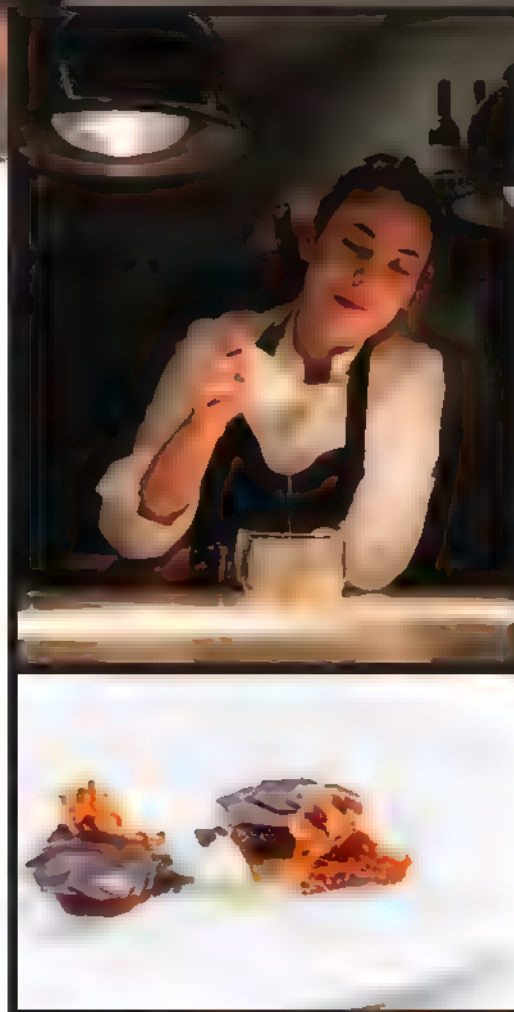


Foto: prático Tadeu, Bruno II

ines249

CLAUDIA

wellness

Xô, frio

UM APANHADO DE PEÇAS
QUE EXALTAM AS PRINCIPAIS
TENDÊNCIAS DE INVERNO PARA
GARANTIR O ESTILO NA ESTAÇÃO

NOVA FASE

Depois da menopausa,
ela descobriu um outro
sentido para a vida

VEM NOVIDADE AÍ

O horóscopo do mês promete
reviravoltas e dias intensos —
e você ficará grata por isso!

JOVEM TALENTO

Conheça o trabalho de Anna
Akisue, cantora, atriz e
compositora nipo-brasileira

SENTIR-SE LIVRE

Após seu ciclo reprodutivo chegar ao fim, a atriz Anna Lima trilhou uma longa caminhada até encontrar paz em sua nova fase

TEXTO LORRAINE MOREIRA COLAGEM MIKA NAMBÍ

Era cedo, num dia qualquer, e Anna Lima sentia medo. Seus 47 anos a prepararam para enfrentar os percalços da vida, mas a atriz não estava pronta para o que ouviu da médica. “Pode ser menopausa”, repetiu em sua mente ao escutar a especialista. A simples menção a deixou sobressaltada. “Lembrei que, durante uma novela, uma colega disse ‘quem entra na menopausa embaranga, despenca, fica de mau humor, não quer transar e perde a libido’ e entrei em desespero.”

A médica recomendou um exame de sangue para investigar a hipótese. Ao contrário do primeiro teste, que ainda não acusava o fim da vida reprodutiva, o segundo comprovou a chegada da menopausa. E ela entrou em pânico. “Era como se tudo de ruim fosse acontecer e minha vida tivesse acabado”, recorda. Até aquela consulta, ela sequer levantava essa suspeita. Sentia calor, mas culpava o ar-condicionado. O humor andava estranho, mas achava que era coisa do cérebro. Os sinais estavam ali, mas era difícil enxergar.

“Achei que estava enlouquecendo, procurei um médico porque queria cuidar da minha cabeça.” Diante do diagnóstico de menopausa e do histórico familiar de câncer de mama da paciente, a especialista recomendou que Anna fizesse um teste genético antes de iniciar qualquer reposição hormonal. Mas era época de pandemia, e o exame, que deveria sair em 15 dias, levou três meses. Nesse tempo, os efeitos continuaram a se intensificar. “Não é como se eu rejeitasse o sexo,

por exemplo, mas parecia que ele tinha sumido da minha cabeça.”

Se, por um lado, houve uma longa espera para ser autorizada a fazer a reposição hormonal; por outro, o tratamento respondeu rápido. “Quando comecei a reposição, mesmo com uma dose pequena, voltei a ser eu de novo.” Ainda assim, aconteceram tropeços no caminho. Ela passou a sentir dor nas relações sexuais e, depois de conversar com a ginecologista, mudou a forma de repor a testosterona. Em vez de a aplicação acontecer no braço, adotou a intravaginal.



**NÃO SOU MAIS
OBRIGADA A CONVIVER
COM GENTE QUE
RECLAMA, QUE SE
ARRASTA, PORQUE
ASSIM COMO A ALEGRIA
CONTAGIA, A CHATICE
TAMBÉM SE ALASTRA.
AOS 51 ANOS, QUERO
É VIVER BEM**

Junto da médica, foi ajustando as questões até que, hoje, cinco anos depois, vivesse em paz com a nova realidade. Entender que a mudança seria para sempre foi o ponto de partida para isso acontecer. “Quando percebi que a menopausa estaria comigo pelo resto da vida, escolhi conviver bem com ela. A gente vai até

os 70, 80, 90... e a menopausa é só uma nova fase. Agora que cheguei ao topo da montanha, não vou descer reclamando”, comenta ela.

Hoje, percebe que o medo que sentia no princípio era fruto da pouca informação e das falas assustadoras que as pessoas a direcionaram. “Ninguém vira para uma menina de 10 anos e diz: ‘Se prepara, sua menstruação vai ser horrível, você vai ter cólica, o parto vai ser traumático’. A gente passa por tudo isso, e depois aprende a lidar. A menopausa é a mesma coisa”, comenta ela. Para Anna, é importante ser realista e mostrar que essa fase representa o fim do ciclo reprodutivo, e não o término da vida.

Essas mudanças, é claro, também afetaram o modo como ela enxerga o mundo. “A menopausa me libertou. Não preciso mais fazer coisas que eu não quero. Antes, fazia porque achava que ‘tinha que fazer’ para ser jovem.” Ela também se sente mais livre para impor seus limites. “Não sou mais obrigada a conviver com gente que reclama, que se arrasta, porque assim como a alegria contagia, a chatice também se alastra. Aos 51 anos, quero é viver bem”, afirma a artista.

Anna não é a mesma de antes, e não pensa como no passado. Aquela ideia de que “depois da menopausa é só lá-debaixo” foi refutada. A fase ganhou outro significado em sua vida. “O difícil foi subir, agora é escolher como vou descer. Quero que seja rindo, com uma taça de vinho, cercada de amor, e apreciando a vista. Afinal, se você briga com a menopausa, está clamando pelo retrocesso. Eu só agradeço.” □

ines249

TOQUE QUENTE

Neste ano, as tendências da moda inverno miram no conforto e vão além do óbvio. Aqui, uma curadoria afiada dos itens que estarão em alta nos próximos meses

TEXTO LORRAINE MOREIRA



RENNER,
R\$ 35,90



SCHUTZ,
R\$ 480



MOCASSIM COM MEIAS

Se as fashionistas, influenciadoras de moda e celebridades estiverem certas, o mocassim com meia vai deixar seus rastros por aí. A combinação voltou aos destaques com o *grandpacore*, uma estética inspirada no visual dos nossos avós, que inclui coletes, roupas vintage, camisas polo, estampas xadrez e tricô. Mas, mesmo fora desse universo familiar, a dupla continua em alta. Marina Ruy Barbosa, Bruna Marquezine e Isis Valverde estão entre as famosas que demonstraram com todas as letras que esse combo merece nossa chance.

LOVE MOSCHINO,
NA FARFETCH, R\$ 1 245



MARCELA B,
R\$ 1.790



BLUE BIRD SHOES,
NA FARFETCH, R\$ 1 098



ines249

KATSUKAZAN,
R\$ 322,23



AN, MALE,
NO SHOP2GETHER,
R\$ 329,90



POLO RALPH LAUREN,
NA FARFETCH, R\$ 1.234



ADIDAS,
NA FARFETCH,
R\$ 1.391



TORO,
R\$ 379



AZUL ÍNDIGO

O azul é uma cor almejada. Parece exagero, mas a dificuldade em produzir o pigmento aliada à beleza de tudo o que ele colore despertou obsessões ao redor do mundo. Dizem que o pintor de *Moça Com Brinco de Pérola*, Johannes Vermeer, chegou à falência no século 17 por usar tanto a cor, de valor altíssimo. Com o tempo, produzir o pigmento se tornou mais fácil, e o azul, mais acessível — mas nem por isso menos desejado. Tanto que, neste inverno, o azul índigo colore suéteres, calças e acessórios dos mais antenados às tendências.

Moda

ines249



CALMA
SÃO PAULO,
R\$ 269



ZARA,
R\$ 799



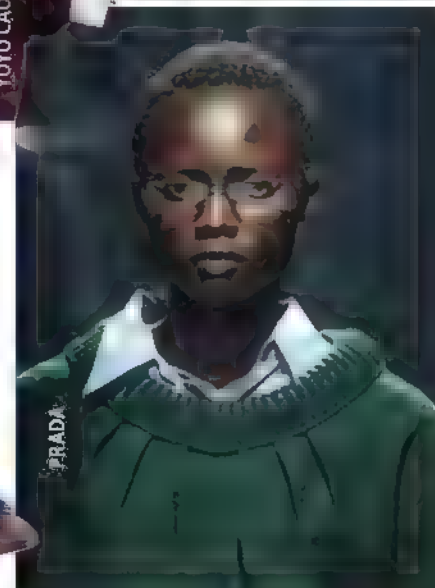
RENNER
R\$ 39,90



ADIDAS
ORIGINALS,
R\$ 399,99



NK, NO
SHOP2GETHER,
R\$ 2 790,90

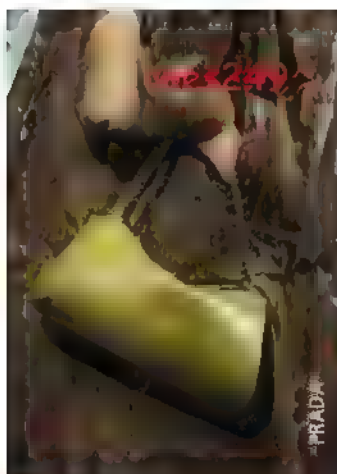


COMFY

A moda confortável é a protagonista da vez. Casacos acolchoados, tecidos felpudinhos e forros macios têm definido as vitrines de lojas. Os olhos atentos nas passarelas de outono/inverno já desconfiavam desse fenômeno. A pelúcia apareceu nos desfiles da Coach, Michael Kors e Tory Burch, enquanto as pelagens lideraram a coleção da Fendi. Longe dos eventos fashion, a chamada moda *comfy* (uma variação do termo "comfortable", ou "confortável") prova que ser estilosa no inverno também é estar confortável.

COURO

Não é de hoje que o couro faz sucesso. Desde a pré-história, quando a pele animal era aproveitada para a proteção contra o frio, ele conquistou um lugar importante na vida e na moda. O material atravessou roupas, estilos e gerações ao longo dos anos e se tornou atemporal. Recentemente, marcas como Bottega Veneta, Hermès e Chanel apostaram no couro em suas coleções de outono/inverno 2025. Os ventos dessa estação, aliás, trazem o tecido em trench coats, acessórios e botas. □



MICHAEL KORS,
R\$ 1.245



MARKET 33,
NO SHOP2GETHER,
R\$ 699,90



MICHAEL KORS, NA FARFETCH,
R\$ 1.617



FIG,
R\$ 2.510



GIGI HADID



ADRIANA LIMA



CHARLOTTE G

Horóscopo de agosto



VIVI PETERSEN

(@viviastrologica) é jornalista por formação e astróloga por vocação

Viva com gosto!

Pronta para um mês de muito movimento? Pois esse será o clima de agosto, com viradas e desafios importantes. Já nos primeiros dias, Marte em Libra entra em cena e traz à tona a necessidade de mais equilíbrio, diplomacia e acordos — principalmente nos relacionamentos. A vida a dois, as parcerias profissionais e até os conflitos ganham visibilidade: não dá mais para empurrar nada com a barriga, mas também não adianta bater de frente. O segredo está no diálogo e na habilidade de ceder sem se anular.

No dia 11, a Lua Cheia em Aquário ilumina o céu e nossas vidas, trazendo clareza sobre o que não cabe mais. É época de colheita, mas também da coragem de sair de padrões e ciclos que nos aprisionam. Viveremos aquela virada de chave que estávamos esperando, especialmente para resolver pendências emocionais, profissionais ou até de amizades. No meio disso, uma ótima notícia: Mercúrio Retrógrado em Leão chega ao fim, e com isso vem um novo período para as comunicações e o fim dos desencontros que se desenvolveram nas últimas semanas. Aos poucos, as ideias clareiam, a autoconfiança retorna e as conversas difíceis acontecem com mais fluidez, principalmente com o encontro entre Mercúrio e Marte, que ajuda a colocar a vida no lugar sem tanto desgaste.

O clima começa a mudar no dia 22, quando o Sol entra em Virgem, seguido pela Lua Nova

no mesmo signo, marcando um período ideal para se organizar, colocar os pés no chão, rever hábitos e planejar os próximos passos com mais disciplina. É hora de ser objetiva e olhar com carinho para sua rotina.

Se no amor as coisas parecem esquentar, é porque realmente os astros estão a favor da paixão! A entrada de Vênus em Leão traz uma dose extra de autoestima e desejo de viver relações mais intensas, verdadeiras e divertidas. Você sentirá vontade de se cuidar, de se embelezar e de se apaixonar pela vida (e talvez por alguém). Porém, atenção: uma oposição de Vênus com Plutão pode trazer questões como controle, ciúmes ou padrões tóxicos que precisam ser encarados. Cuidado para não criar drama, mas sim se posicionar, entender seus limites e escolher onde e com quem vale gastar sua energia.

Para fechar, um aspecto lindíssimo embala o mês: Vênus com Urano traz leveza, surpresas positivas, encontros inesperados e uma vontade deliciosa de quebrar a rotina e viver o amor — seja o romântico ou o próprio — de forma mais autêntica. Agosto não é um mês parado, e nem deve ser. É aquele chamado do Universo para alinhar e se posicionar. Tem cura, tem encerramento, tem recomeço e, principalmente, a chance de viver tudo isso com mais consciência, equilíbrio e clareza sobre quem você é e o que quer construir daqui para frente.



Virgem

23 8 a 22 9

É tempo de desacelerar e refletir, especialmente por conta de Marte em Libra, que acende o tema financeiro. A partir do dia 22, começa oficialmente seu novo ciclo solar, perfeito para renovações. O fim de Mercúrio Retrógrado libera pendências e melhora sua comunicação. No amor, valorize a leveza e a praticidade, já a oposição com Plutão alerta para não insistir em reações que já não fazem bem. Aproveite seu momento!

Libra 23 9 a 22 10

Você se sente mais atenta e decidida com Marte em seu signo. A Lua Cheia em Aquário ilumina sua vida amorosa, trazendo encaminhamentos. O mês fecha pedindo mais recolhimento e fortalecimento emocional. No amor, Vênus em Leão aquece os encontros e amizades, porém, tenha cautela com desgastes ou desconfortos dentro de grupos e círculos sociais.

Escorpião 23 10 a 21 11

É hora de repensar sua carreira, já que a Lua Cheia traz clareza. O fim de Mercúrio Retrógrado tira travas da comunicação e, a partir do dia 22, com Sol e Lua Nova em Virgem, seu foco volta-se para projetos, abrindo portas para novas parcerias. Vênus em Leão intensifica seu charme no trabalho, mas evite disputas nas relações.

Horóscopo de agosto

Sagitário

22 11 a 21 12

O período traz expansão com a Lua Cheia destacando estudos e viagens. Marte em Libra ativa a vida social, te deixando mais aberta para projetos coletivos. O fim de Mercúrio Retrogrado destrava questões profissionais e melhora sua autoconfiança. Vênus em Leão aquece os encontros com um toque de aventura.

Capricórnio

22 12 a 20 01

Questões financeiras e parcerias ganham destaque com a Lua Cheia. Marte agita sua carreira, te deixando mais estratégica, mas também mais exigente consigo mesma. O fim de Mercúrio Retrogrado libera burocracias, principalmente sobre dinheiro. Seu desejo de viajar, estudar e se abrir para novas experiências cresce.

Aquário

21 1 a 19 2

A Lua Cheia te convida a se priorizar. Marte em Libra ativa sua busca por expansão, trazendo crescimento. A partir do dia 22, com o Sol e a Lua Nova em Virgem, temas ligados às finanças e emoções ganham força. Vênus em Leão ativa sua vida afetiva, mas tenha cautela com relações que geram cobranças excessivas.

Peixes

20 2 a 20 3

Hora de organizar sua rotina, já que a influência da Lua Cheia traz clareza sobre as questões emocionais. O fim de Mercúrio Retrogrado melhora sua produtividade e, a partir do dia 22, as parcerias ganham protagonismo, abrindo espaço para novos ciclos. No amor, Vênus em Leão movimentará sua rotina.

Áries

21 3 a 20 4

Agosto destaca suas relações. Marte em Libra pede mais equilíbrio e diálogo, enquanto a Lua Cheia em Aquário traz revelações sobre amizades. Após o dia 11, sua comunicação flui melhor. Com Sol e Lua Nova em Virgem, a rotina pede mais organização. No amor, surpresas animam, mas evite dramas.

Touro

21 4 a 20 5

O mês começa com foco na carreira e nos seus talentos. Marte em Libra pede cuidado com sobrecargas físicas. A Lua Cheia traz decisões importantes, inclusive encerramentos. No campo emocional, questões familiares virão à tona e te farão lidar com os sentimentos — mas boas surpresas devem aparecer.

Gêmeos

21 5 a 20 6

Movimento e expansão te guiam neste mês. A Lua Cheia acende o desejo de aprender, viajar ou mudar a rotina importante. O fim de Mercúrio Retrogrado destrava os mal-entendidos de uma vez por todas. Depois do dia 22, o foco se volta ao lar e à família. Vênus em Leão aumenta seu magnetismo, mas cuidado com ciúmes e fantasmas do passado.

Câncer

21 6 a 21 7

Suas energias estarão voltadas para a vida financeira e questões de segurança material. Marte em Libra pede mais organização em casa e no trabalho. Já a Lua Cheia ilumina dívidas e investimentos. Com o fim de Mercúrio Retrogrado, sua comunicação volta a ser mais assertiva no trabalho. Vênus em Leão favorece encontros, autoestima e prazer.

Leão

22 7 a 22 8

A Lua Cheia em Aquário mexe diretamente com suas relações, trazendo revelações na vida afetiva. O fim de Mercúrio Retrogrado te deixa mais segura para tomar decisões. Vênus eleva sua autoestima e atrai romance, mas conflitos pedem equilíbrio. A partir da Lua Nova em Virgem, o foco volta para as finanças e projetos de crescimento material.

lançamento

Seu dia com **mais** **energia.**

CHEGOU A LINHA DE BEBIDAS FUNCIONAIS SUPERATIVADAS.

Combinando a expertise da Sanavita em nutrição de alta performance com o olhar atento de Boa Forma para as necessidades da mulher hoje, desenvolvemos bebidas funcionais ideais para acompanhar o ritmo acelerado do seu dia a dia e oferecer nutrientes essenciais para o seu corpo.



Coffee e Citrus SuperAtivado são soluções práticas que promovem vitalidade a cada gole. As Melhores Escolhas para manter seu bem-estar a qualquer hora do dia.



Escaneie o QR
code com o celular
e saiba mais

Venda exclusiva no site:
sanavita.com.br



 **sanavita**

Quem vem por aí

Anna Akisue

Depois do sucesso de Meninas Malvadas - o Musical, a atriz e cantora se prepara para o primeiro álbum solo

TEXTO GABRIELA NASSIF

Quando Anna Akisue era adolescente, costumava passar horas na frente do espelho tentando “embranquecer”. Assistia a tutoriais de maquiagem na internet para se parecer com uma mulher branca e buscava fugir da cultura japonesa o quanto pudesse. “Eu achava que se eu conseguisse camuflar os traços orientais, as coisas seriam diferentes”, lembra. Felizmente, quando foi escolhida para interpretar a protagonista Regina George na montagem brasileira do musical *Meninas Malvadas*, não precisou disfarçar quem é. “A Regina é o estereótipo da menina branca, magra e loira dentro do padrão. Acho muito importante, para mim e para outras pessoas racializadas, que possamos nos enxergar como prota-

gonistas de qualquer narrativa”, reflete Anna, a primeira pessoa de ascendência asiática a assumir o papel.

Desde criança, ela sabia que queria os palcos. Seu primeiro registro cantando e performando na sala de casa — vestida com as roupas da mãe — foi aos três anos. Aos 13, começou a compor. Seu maior destaque antes do musical havia sido a posição de semifinalista do *The Voice Brasil*, em 2016. A experiência a ensinou a lidar com o amor e a injúria dos fãs. Quando ganhou de outro competidor por votação popular, foi inundada por ataques racistas na internet. “Precisei aprender a separar a Anna CNPJ da Anna CPF. Hoje, eu incorporo um personagem além do papel para me mascarar, para poder esconder quando estou nervosa”, conta.

Assim que soube das audições para o *Meninas Malvadas - O Musical* pelas redes sociais, não teve dúvidas: se inscreveu imediatamente. A pedido dos seus seguidores, cantou *World Burn* em seu Instagram — um dos solos de Regina na peça. O vídeo chegou à direção do musical, que demonstrou interesse em conhecê-la. O teste apenas confirmou o que já suspeitavam: ela era a atriz que buscavam para o papel.

Hoje, aos 25 anos, já pensa na vida pós-Regina George. Um de seus planos é lançar seu primeiro álbum solo. “Eu sou uma atriz curiosa, então você pode piscar e me ver em um lugar diferente. Sou de tudo um pouco e a arte é isso: pegar o que faz sentido pra você e transformar em algo novo”, diz. □

ines249

seleção

CASA CLAUDIA &  FRACALANZA

Since 1884

Linha Norma - Jogo de panelas em alumínio com revestimento cerâmico cor fendi | Foto: Alisson Henrique

Seleção Casa Claudia

Curadoria exclusiva de
Casa Claudia para Fracalanza

A Fracalanza é sinônimo de elegância atemporal, oferecendo panelas, faqueiros, decanters, taças, jarras e acessórios para vinho que transformam refeições em momentos memoráveis.



Escaneie para conferir
toda a seleção de produtos
e saiba onde encontrá-los.



Desde 1967

A Fracalanza é uma
marca exclusiva da Full Fit.

 fullfit_oficial

 fullfitimport

 fullfitimport

ines249

Tudo o que você deseja para a sua casa, você encontra nos vidros **Habitat by Cebrace.**

Habitat é a linha de vidros residenciais
que alia proteção, beleza e conforto
térmico, reduzindo em até 70% a
entrada de calor nos ambientes.

**Vidros de proteção solar para
residência é Habitat.**

 www.vidroshabitat.com.br

 [@vidroshabitat](https://www.instagram.com/vidroshabitat)

SAIBA MAIS:



Vidros de proteção solar para residências.